



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Escola de Biblioteconomia

*PROJETO PEDAGÓGICO DO
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA*

Rio de Janeiro
2010

Reitora

Profª. Drª. Malvina Tania Tuttman

Vice-Reitor

Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca

Pró-Reitora de Graduação

Profª. Drª. Loreine Hermida da Silva e Silva

Diretora do Departamento de Documentação e Registro

Acadêmico em exercício

Pedagoga Maria de Lourdes Alencar

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Profª. Drª. Maria Tereza Serrano Barbosa

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Prof. Dr. Luciano Pires Maia

Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Dr. Astério Kioshy Tanaka

Pró-Reitora de Administração

Wanise Guanabara

Coordenadora de Educação a Distância

Profª. Drª. Giane Moliari Amaral Serra

Diretora do Departamento de Assuntos Comunitários e Estudantis

Profª. Drª. Mônica Carvalho do Valle

Diretora da Biblioteca Central

Bibliotecária Ms Marcia Valéria Brito Costa

Decano do Centro de Ciências Humanas e Sociais

Prof. Dr. Luiz Cleber Gak

Diretor da Escola de Biblioteconomia

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda

Coordenador do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda

**Chefe do Departamento de Estudos e Processos
Biblioteconômicos**

Profª. Drª. Simone da Rocha Weitzel

Chefe do Departamento de Processos Técnico-Documentais

Profª. Drª. Leila Beatriz Ribeiro

Chefe do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais

Prof. Dr. João Paulo Macedo e Castro

Chefe do Departamento de Estudos e Processos Museológicos

Profª. Ms. Marisa Vianna Salomão

Chefe do Departamento de Didática

Profª. Drª. Carmem Sanchez Sampaio

Chefe do Departamento de Fundamentos da Educação

Profª. Drª. Rita Maria Manso

Chefe do Departamento de História

Profª. Drª. Maria Isabel de Siqueira

Coordenação de Estágio

Profª. Ms Marília Amaral Mendes Alves

Laboratório de Biblioteconomia – LABBIB

Profª. Drª. Simone da Rocha Weitzel

Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTI

Prof. Ms Laffayete Souza Alvares Júnior



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Escola de Biblioteconomia

*PROJETO PEDAGÓGICO DO
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA*

Rio de Janeiro
2010

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

U58 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Escola de Biblioteconomia.*

Projeto político pedagógico do curso de bacharelado em Biblioteconomia / UNIRIO, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de Biblioteconomia ; Comissão Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda ... [et al.]. - 2009.
xx f.71 : il. ; 30 cm.

Bibliografia: f. 63-72.

1. Biblioteconomia - Estudo e Ensino (Graduação) - Brasil. 2. Biblioteconomia - Currículo - Brasil. I. Miranda, Marcos Luiz Cavalcanti de. II. Título.

CDD - 020.71181
CDU - 02:378(81)

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	8
1	INTRODUÇÃO	11
2	BREVE RETROSPECTIVA	12
2.1	TRAJETÓRIA E HERANÇAS DAS BIBLIOTECAS E BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRAS	12
2.2	TRAJETÓRIA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIRIO	28
3	JUSTIFICATIVAS	32
3.1	O CURSO, O CONHECIMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E O CONTEXTO ATUAL	32
3.2	AS DEMANDAS, NECESSIDADES E OPORTUNIDADES	34
4	PRINCÍPIOS NORTEADORES E O PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO	39
4.1	PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS	39
4.2	PRINCÍPIOS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS	42
4.3	DELINEANDO O PERFIL PROFISSIONAL, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	49
5	ESTRUTURA CURRICULAR PROPOSTA	51
5.1	COMPONENTES CURRICULARES	52
5.1.1	Disciplinas, Linhas e Eixos Curriculares	52
5.1.2	Estágios Curriculares	57
5.1.3	Trabalho de Conclusão	57
5.1.4	Atividades Complementares	58
5.1.5	Modalidade Semi-presencial	59
5.1.6	Distribuição dos Componentes Curriculares por Períodos	59
5.1.7	Carga Horária Total	62
5.1.8	Número Total de Créditos	62
5.1.9	Prazo Para Integralização Curricular	62
5.1.10	Número de Vagas Oferecidas	62
5.1.11	Turnos	62
5.1.12	Formas de Ingresso	62
5.2	Núcleo Docente Estruturante	63
6	MÉTODOS E PROCESSOS DE AVALIAÇÃO	63
7	DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DE ENSINO À DISTÂNCIA	64
7.1	Estrutura do Projeto de EAD	64
7.2	Regulamentação da PROGRAD/CEAD da UNIRIO	65
7.3	Processo de Produção de Conteúdos	65
7.4	Processo de Implantação	66
8	INFRA-ESTRUTURA	66

REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A: MATRIZ CURRICULAR - QUADRO DOS COMPONENTES CURRICULARES PROPOSTOS	88
APÊNDICE B: CARGA HORÁRIA TOTAL DOS COMPONENTES CURRICULARES	91
APÊNDICE C: EMENTÁRIO DOS COMPONENTES CURRICULARES PROPOSTOS	92
APÊNDICE D: FLUXOGRAMA DOS COMPONENTES CURRICULARES - MANHÃ	102
APÊNDICE E: FLUXOGRAMA DOS COMPONENTES CURRICULARES - NOITE	103
APÊNDICE F: MAPA DE EQUIVALÊNCIA	104
APÊNDICE G: CORPO DOCENTE	108
ANEXO A: TERMO DE COMPROMISSO DO DIRETOR DA ESCOLA	115
ANEXO B: ATAS DO COLEGIADO DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA	116
ANEXO C: ATA DO CONSELHO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	118
ANEXO D: PORTARIA DE NOMEAÇÃO DA COORDENADORA DO CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	

Aquilo de que os filósofos do Renascimento acusavam, acima de tudo, os filósofos escolásticos, era de inventarem uma qualidade nova cada vez que um fenômeno novo lhes chamava a atenção; de atribuírem a uma virtude particular cada efeito que não tinham nem estudado nem analisado; de imaginarem que tinham dado uma explicação onde se tinham limitado a pôr um nome e de transformarem assim a Ciência num calão pretensioso e inútil.

Pierre Duhem, físico francês.

APRESENTAÇÃO

A proposta de reformulação curricular do curso de bacharelado em Biblioteconomia se deu a partir da decisão do Colegiado da Escola de Biblioteconomia, em reunião realizada no dia 18 de junho de 1997, onde se constituiu um Grupo de Trabalho (GT) para a Reformulação Curricular formado pelos professores Affonso Celso Mendonça de Paula (Departamento de Filosofia e Ciências Sociais - DFCS), Américo Augusto Nogueira Vieira (DFCS), Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro (Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos - DEPB), Leila Beatriz Ribeiro (Departamento de Processos Técnico-Documentários DPTD), Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (DEPB), Maria Eunice Anffe Nunes Villar (Diretora da Escola de Biblioteconomia), Maria José Moreira (DEPB), Marlize Tapajós de Souza (DPTD) e Valéria Cristina Lopes Wilke (DFCS).

O GT reuniu-se por quatro vezes (04, 09, 23/09 e 29/10/97), contudo, em nenhuma das reuniões realizadas pôde-se contar com a totalidade de seus membros. Na primeira reunião, o professor Affonso Celso propôs a leitura de artigos selecionados^{1, 2 e 3} afim de que os membros do GT pudessem “falar a mesma linguagem”. Da mesma forma, o professor Marcos Miranda sugeriu outros textos^{4, 5, 6 e 7} que poderiam dar mais consistência às discussões sobre o currículo de Biblioteconomia. Depois de acatadas as sugestões pelos presentes foi marcada uma nova reunião, na qual se discutiram os pontos cruciais para a formação do bibliotecário moderno como profissional da informação. Nas reuniões seguintes, devido à incompatibilidade de horários dos demais membros, o GT ficou resumido a três membros o que, de certo, inviabilizou outras investidas.

Por força da Portaria nº 146, de 23.04.1998, o então Magnífico Reitor, professor Hans Jüngen Fernando Dohmann, designou os professores Affonso Celso Mendonça de Paula (DFCS), Américo Augusto Nogueira Vieira (DFCS), Leila Beatriz Ribeiro (DPTD), Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (DEPB) e Maria Eunice Anffe Nunes Villar (Diretora da Escola de Biblioteconomia e Presidente da Comissão), para constituírem a Comissão da Revisão Curricular da Escola de Biblioteconomia do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO. Esta Comissão, apesar de finalizar seus trabalhos, não levou a termo a reformulação curricular,

¹ WILSON.

² TUDOR-SILOVIC, 1992.

³ REUNIÓN Regional sobre Formación de Profesionales de la Información, 1990.

⁴ CÂMARA, 1981.

⁵ GUIMARÃES, 1997.

⁶ GUIMARÃES, 1995.

⁷ MUELLER, 1984.

devido a uma série de questões inerentes à política educacional de um modo geral e de seus reflexos na educação biblioteconômica.

Em 2002, na gestão do Magnífico Reitor professor Pietro Novelino, foi instituída a Comissão de Reformulação Curricular constituída pelos professores Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, Leila Beatriz Ribeiro, Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda e Maria Teresa Wiltgen Tavares da Costa Fontoura, de acordo com a Portaria nº. 109 de 22 de março de 2002, que aproveitou parte dos trabalhos realizados pelos GTs anteriores, atualizou o necessário e adequou as diretrizes estabelecidas pela Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), a partir de discussões dos docentes de várias IES, harmonizadas com o também estabelecido no âmbito do Mercosul pelos Governos brasileiro, argentino, uruguaio e paraguaio no que tange à formação do bibliotecário.

Em 15 de dezembro de 2006, a Magnífica Reitora Malvina Tania Tutman baixou a Portaria 293, designado os membros da Comissão de Estudos Curriculares dos Cursos de Graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Turismo, presidida pela Diretora do Departamento de Documentação e Registro Acadêmico da Pró-Reitoria de Graduação. Com a Portaria 300, de 20 de setembro de 2006, a Magnífica Reitora incluía formalmente na Comissão a participação do corpo docente.

Os estudos da Comissão foram balizados pelos princípios e objetivos estabelecidos para a educação em âmbito nacional, conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; e pelo Plano Nacional de Educação, onde a renovação e desenvolvimento do ensino superior passam pelo importante papel das universidades públicas, estabelecendo a necessidade de expansão de suas vagas e ensino à distância, assegurando sua autonomia, aliada à avaliação permanente dos currículos.

Também nortearam a comissão os Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) e o Plano Pedagógico Institucional (PPI) da UNIRIO, ambos de 2006. O primeiro, seguindo as diretrizes estabelecidas na lei que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES –, contempla a avaliação institucional, autonomia, gestão participativa com a integração das diversas dimensões presentes na Universidade, em vista do desenvolvimento de conhecimentos comprometidos com as necessidades da sociedade brasileira. O segundo, estabelece o perfil desejado de nossos egressos, destacando que não nos deve bastar a qualificação técnica e o espírito de pesquisa, mas o estímulo à convivência e aceitação da diversidade que descobre o outro e é pilar para o pleno desenvolvimento do estudante como pessoa integral e não apenas como profissional.

Finalmente, no plano específico da área de Biblioteconomia, a Comissão norteou-se pelos documentos básicos gerados a partir de uma série de oficinas e seminários promovidos pela ABECIN - Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação - para a discussão e elaboração de um projeto pedagógico nacional para área e nas Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecidas para o curso de Biblioteconomia (Parecer CNE/CES no. 492/2001

É com base nestas reflexões internas e nas realizadas em interlocução nacional, que esta Comissão vem, desde sua instalação, ampliando o debate a todo corpo docente e discente da Escola, resultando no presente Projeto Pedagógico para o Curso de Biblioteconomia da UNIRIO.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, a qualidade do ensino superior no Brasil tem sido objeto de ampla discussão. De norte a sul do país, reivindica-se um ensino público, de qualidade, capaz de suprir as demandas da sociedade e de promover a pesquisa e o desenvolvimento.

O Ministério da Educação tem mostrado sua preocupação com ações de impacto, como o Programa de Avaliação de Cursos Superiores Brasileiros, iniciado em novembro de 1996, com a avaliação dos cursos de Engenharia, Administração e Direito; a proposta de estabelecimento de Diretrizes Curriculares, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Plano Nacional de Educação (Metas) e o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras.

Sob essa perspectiva, profissionais da informação, vinculados ou não a Entidades ou Instituições de Ensino, vêm contribuindo no sentido de resgatar os caracteres científico e humanístico próprios ao curso de Biblioteconomia, aperfeiçoando sua função histórica de suporte à pesquisa e à produção do conhecimento, ao ensino e à promoção da cultura.

Nesse contexto, a Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, por meio da sua Comissão de Revisão Curricular, evidencia certos aspectos - no âmbito geral e específico – em vista de formação mais adequada ao bibliotecário enquanto profissional da informação, diante das demandas sociais e do mercado de trabalho. Sobretudo sublinha o caráter social e humanístico da profissão, em vista do exercício pleno da cidadania, soluções que certamente só poderiam acontecer com uma reformulação curricular, pautada nos documentos encaminhados pelo MEC e no Projeto Pedagógico da UNIRIO.

2 BREVE RETROSPECTIVA

2.1 Trajetória e Heranças das Bibliotecas e Biblioteconomia Brasileiras

Entre os séculos XI e XIV, na Europa, uma série de inovações na forma de escrever e apresentar textos estiveram em relação direta com o ensino da escolástica. Eram convenções gráficas organizadoras dos textos e o uso generalizado da separação entre as palavras, ao invés do uso da *scriptio continua*, de modo que se passa da leitura em voz alta para memorização à leitura silenciosa para interpretação⁸. Aos estudantes solicitava-se que lessem um maior número de textos, então mais fáceis de ler é fato, mas cuja disponibilidade era ainda limitada.

A invenção dos tipos móveis de Gutenberg possibilitaria, de um lado, a impressão de obras clássicas e de conhecimentos práticos, passados até então oralmente⁹, fazendo crescer rapidamente a quantidade disponível de textos para leitura. De outro, iria também atender a uma demanda reprimida e crescente por livros; nos termos de Battles "O apetite por grandes quantidades de livros já estava bastante aguçado quando as prensas entraram em cena."¹⁰

No século XVI, quando o Brasil está recém descoberto, boa parcela das bibliotecas monásticas na Europa tinham se tornado urbanas. Ali os livros, presos por correntes, estavam ao dispor especialmente para leitura e consulta dos estudantes universitários. Estas bibliotecas possuíam catálogos que permitiam localizar livros inclusive em outras bibliotecas¹¹.

De 1506 a 1510 publicou-se em Portugal apenas um livro por ano, em média, e embora o número de publicações aumentasse até o final do século ela ficou na média de 11 livros por ano durante todo aquele século¹². Portanto, no século XVI não abundavam livros impressos em Portugal, que se dirá no Brasil. A cultura escrita começaria aqui pelas mãos de ordens religiosas, especialmente a Companhia de Jesus, responsável pela abertura do primeiro colégio com uma biblioteca na Bahia. A partir daí se formariam pequenas bibliotecas em colégios no Rio de Janeiro e em São Paulo¹³ e outras localidades. Com a expulsão da ordem do Brasil essas bibliotecas foram confiscadas e muitas obras foram levadas ou simplesmente perdidas. As bibliotecas mantidas, além de algumas poucas particulares, eram agora de outras ordens religiosas como beneditinos, franciscanos e carmelitas.

⁸ PARKES, 1998; HAMESSE, 1998, p. 124-126

⁹ BURKE, 2003, p. 22-23

¹⁰ BATTLES, 2003, p. 75

¹¹ CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 23

¹² CHAGAS, 2009, p. 24-26

¹³ MORAES, 1979, p. 1-3

O Humanismo, enquanto idéias e ideais opostos à escolástica, seria uma profunda marca do Renascimento, afirmando a superioridade da Antiguidade greco-latina sobre o passado recente e no século XVII abrindo-se da razão à ciência. As bibliotecas humanistas não só deviam estar repletas de obras gregas, mas se inspiravam nos modos gregos de leitura, ao ar livre ou em simpósios; deveriam ser, portanto, lugares abertos ao debate. O bibliotecário era profundo conhecedor dos gregos e dos latinos, capaz de participar nestes debates e de enriquecer a biblioteca¹⁴.

É neste ambiente que Gabriel Naudé, aos 27 anos, escreve o “*Advis pour dresser une bibliothèque*” (1627), considerado por alguns o marco fundador da Biblioteconomia. Sua inspiração, o humanismo da razão, do debate e da erudição¹⁵. No século XVII, a disponibilidade de obras nestas bibliotecas particulares já excedia muito as possibilidades de alguém ser capaz de dominá-las¹⁶. Isto levaria ao aprimoramento de antigas e ao desenvolvimento de novas tecnologias para mapeamento de obras, chaves de localização de assuntos etc., como enciclopédias, dicionários, lugares-comuns¹⁷ e miscelâneas, enfim, obras de referência, que Naudé recomenda a toda biblioteca humanista¹⁸. A biblioteca tanto é entendida como coleção organizada de livros como compilação e coletânea de partes de obras¹⁹.

No Brasil, no campo da impressão de livros, consta que o Rio de Janeiro contava com uma tipografia, instalada em 1747 por Antônio Isidoro da Fonseca, que recebeu ordens de Lisboa para fechá-la no mesmo ano. Nesta época a publicação deveria ser feita com exame prévio de censores tanto do Estado como da Igreja. A ordem de fechamento alegava que, estando em Lisboa as autoridades que davam autorização para as publicações, seria mais cômodo e econômico que a impressão fosse feita em Portugal²⁰. Possivelmente a concorrência era indesejada. É interessante notar que ao comparar os levantamentos feitos por Macedo, para o século XVI e por Guedes, para o final do século XVIII, Chagas indica que os assuntos dos livros disponíveis pouco diferiam e que entre 1777 e 1799, a oferta de livros ainda era pequena²¹.

¹⁴ GRAFTON, 2008, p. 175-176

¹⁵ REVEL, 2008, p. 223

¹⁶ BLAIR, 2008, p. 74

¹⁷ No programa humanista nas universidades, os alunos eram ensinados a manter um caderno para anotar passagens, citações, informações, anedotas por assunto (lugares-comuns), que fossem colhendo ao longo do tempo, de modo a poder fazer uma consulta rápida. Alguns eruditos acabariam por publicar seus cadernos. “[...] essas obras [...] tornam-se, quando publicadas, resumos de bibliotecas ou ‘bibliotecas portáteis’, onde os letrados podem colher o necessário para enriquecer seus escritos” (BLAIR, 2008, p. 75-77).

¹⁸ NAUDÉ, 1627

¹⁹ CHARTIER, 1999, p. 70

²⁰ MORAES, 1979, p. 61-64

²¹ Só para ficarmos no exame do catálogo de livros impressos pela Impressão Régia, temos: em 1777 um total de 3600 livros, em 1798, 27 livros e em 1799, 33 livros. CHAGAS, 2009, p. 27

O Marquês de Pombal, seguindo a tendência europeia, realizaria uma reformulação curricular para a Universidade de Coimbra, adotando os moldes humanistas com orientações para a ciência. Enquanto os jesuítas seguiam os moldes da escolástica, as outras ordens que permaneceram no Brasil acabariam por adotar a orientação de Pombal²². Trata-se de um humanismo ilustrado, que crê que na difusão do conhecimento como meio para salvação moral do homem. Assim é que o ensino de ciências começa na Bahia já em 1757. Na biblioteca do colégio podiam-se encontrar obras de Cláudio Kircher, Newton e Descartes²³.

Entre o final do século XVIII e o início XIX, o governo português iria promover a produção e o envio de livros para o Brasil. Frei José Mariano da Conceição Veloso – um mineiro – apresentou à Academia Real de Ciências de Lisboa um tratado sobre botânica e um plano para publicar livros que contivessem conhecimentos úteis para serem enviados ao Brasil, marca da Ilustração. O frei recebeu para sua empreitada uma tipografia moderna, que em 1801 foi incorporada à Imprensa Régia. Foram impressos tratados sobre agricultura, manufaturas, técnicas e artes, enviados aos governadores das províncias para venda a baixo preço, ou mesmo para serem doados aos interessados. Os resultados não foram tão bons como o esperado, já que mesmo os poucos alfabetizados não estavam afeitos às leituras como esperavam os humanistas ilustrados europeus²⁴.

Com a vinda da corte, o Brasil recebe a Biblioteca Real – aberta em 1814 – além de um número significativo de letrados, alguns que também traziam suas bibliotecas particulares. O acordo com Portugal, reconhecendo a independência do Brasil, previu a indenização por bens aqui deixados, incluindo-se a Biblioteca Real, que mais tarde passaria a chamar-se Biblioteca Nacional (BN). A Imprensa Régia seria monopolista da impressão no Brasil até 1821, quando D. Pedro regulamenta a liberdade de impressão, abrindo caminho ao aumento da produção de livros no Brasil.

O número de alfabetizados no Brasil não era grande no século XIX. "Durante todo período imperial, a taxa de analfabetos permaneceu por volta de 80% (considerando somente a população livre)"²⁵. Dentre os leitores havia os freqüentadores das bibliotecas de colégios, bibliotecas públicas, e, no Rio de Janeiro especialmente da BN e do Real Gabinete Português de Leitura. Tais leitores não são em sua maioria eruditos. Na BN, são homens jovens e as obras mais consultadas no período de 1853 a 1865, "[...] não revelam nenhuma erudição, o que pressuporia o conhecimento de latim, francês [...]" línguas predominantes deste tipo de

²² MORAES, 1979, p. 11

²³ MORAES, 1979, p. 6

²⁴ MORAES, 1979, p. 71-80

²⁵ DELTA LAROUSSE, 1970

obra. O levantamento indica que 66% das obras consultadas eram escritas em Português, 29% em francês e 3% em latim. Havia também os leitores que não freqüentavam as bibliotecas, mas que buscavam no comércio livros baratos, romances de arrebatamento e mistérios, ou recheados de sangue, sexo e obscenidades²⁶.

Entretanto, seguia-se a constituição de bibliotecas para atender ao ensino. Quando o curso jurídico é instalado no convento de São Francisco, na província de São Paulo, em 1828, a biblioteca contava com cerca de 4.000 volumes, muitos doados, outros adquiridos por seus protetores, e que foram catalogados por assunto por José Antônio dos Reis, o primeiro bibliotecário de São Paulo²⁷.

Mas a proibição por Pombal de se fundarem novos conventos no Brasil, assim como a proibição do noviciato, em 1835 pelo governo imperial, fizeram minguar os conventos e, junto com eles, as bibliotecas, quase todas destruídas pelo abandono. O comércio de livros era pequeno e realizado por casas de comércio, como mais uma de suas mercadorias²⁸.

Mesmo no início do século XX, o número de alfabetizados no Brasil não é grande, chegando a apenas 30% da população na década de 1920. Com a abolição da escravidão imigraram para cá muitos europeus alfabetizados. Mais tarde, observa Chagas²⁹, isto redundou na organização da classe trabalhadora no âmbito urbano, já no início do século, com reivindicações de formação profissional e instrução pública, assim como criaram suas próprias bibliotecas de leitura para tomada de consciência em suas associações, mas que não contavam com qualquer serviço bibliotecário.

No campo do ensino da biblioteconomia, o primeiro curso no país foi o da Biblioteca Nacional, criado pelo Decreto nº. 8.835, de 11/07/1911 e que funcionava em seus porões (onde hoje está o Auditório Machado de Assis). É o terceiro curso de biblioteconomia no mundo, depois do da *École de Chartes* na França e do curso do *Columbia College*, em Nova York nos Estados Unidos. O curso da BN só se tornou efetivo em 1915 e hoje se encontra na Escola de Biblioteconomia da UNIRIO. Naquela época constavam as seguintes matérias, cujo ensino ficava a cargo dos diretores de seção daquela biblioteca: a Bibliografia; Paleografia e Diplomática; Iconografia e Numismática.

Este curso foi extinto em 1922 e restabelecido pelo Decreto nº. 20.673 em 17/11/1931, estruturado em novas bases, agora com a duração de dois anos com as disciplinas: 1º ano:

²⁶ CASSANO, 2006, p. 102

²⁷ MORAES, 1979, p. 15

²⁸ MORAES, 1979, p. 43

²⁹ CHAGAS, 2009, p. 36-37

Bibliografia e Paleografia e Diplomática; 2º ano: História Literária (aplicada à Bibliografia), Iconografia e Cartografia.

Caracterizava-se predominantemente pela influência francesa:

Mantinha-se ainda a base de formação de bibliotecário de acordo com a influência da *École des Chartes*. Predominava o espírito europeu na formação do bibliotecário através do Curso ministrado pela Biblioteca Nacional até 1944, pois a reforma de 1933, apenas inverteu a ordem das disciplinas: passou-se a ensinar Iconografia e História Literária aplicada à Bibliografia no primeiro ano, e Bibliografia e Paleografia e Cartografia no segundo ano [...]³⁰

A Revolução Francesa havia confiscado as bibliotecas e arquivos monásticos e, anos mais tarde, instituiria cursos para formação de bibliotecários e arquivistas afim de "construir" uma história da França do ponto de vista dos revolucionários. A ação culminou com a criação da *École de Chartes* em 1821. A condição de ingresso na escola, além dos exames, era já ser bacharel em letras. O modelo curricular erudito pouco atenderia às necessidades das bibliotecas públicas que se expandiam no século XIX³¹. Alguma mudança na França só viria com o estabelecimento da *École Supérieure de Bibliothécaires*, depois de muitas resistências, fora da influência e do controle de Chartes.³²

Em meados do século XIX, a revolução industrial ampliava tanto a produção como as relações e a competição entre empresas no comércio internacional. A indústria de papel passa a produzir em maior escala e a partir da madeira. O livro passa a ser uma mercadoria como qualquer outra que, com a crescente alfabetização, pode ser produzido com economias de escala. O ensino e o acesso às bibliotecas são estendidos aos trabalhadores deixando de ser um discurso para se tornar algo efetivo. Entretanto, este ensino terá uma feição mais técnica, aos moldes das necessidades das empresas, do que erudita, aos moldes do humanismo. A educação "[...] deveria 'centrar-se nas mãos e nos olhos, mais do que na cabeça'"³³.

Soluções para dar conta da demanda em grandes bibliotecas começam a parecer. Na Grã-Bretanha ela vem pelas mãos do bibliotecário italiano Antonio Panizzi, que pensa e efetiva uma significativa mudança no catálogo da Biblioteca Britânica. De inventário, o catálogo passa a ser um instrumento de acesso aos livros. Cria também marcações que indicam suas localizações nas estantes³⁴.

As mudanças de maior repercussão foram as realizadas nos Estados Unidos. Ali, a extensão das bibliotecas públicas teve a dimensão do país.

³⁰ DIAS, 1955, p. 12-13

³¹ GALLARDO, 2001, p. 28-32

³² GALLARDO, 1981, p. 31-32

³³ GALLARDO, 2001, p. 40

³⁴ BATTLES, 2003, p. 132-135

Em 1876, Charles Cutter, bibliotecário do *Boston Athenaeum* cria "[...] um 'catálogo dicionário', onde se encontram, no mesmo fichário, os nomes dos autores, os títulos, os assuntos e o tipo de literatura [...]" como diferentes vias de acesso para a unidade do catálogo³⁵.

Melvil Dewey, que detém a fama de pragmático racionalista, criava um sistema que resolveria um problema que, com o aumento crescente do ingresso de livros nas bibliotecas, se arrastava há anos sem solução: intercalações constantes nos catálogos. Seu sistema foi publicado em 1876 e é conhecido como Classificação Decimal de Dewey. Utilizou, atrelado ao sistema de classificação, uma codificação decimal que permitiria que tanto um novo assunto como um novo livro pudessem encontrar seu lugar, sem perturbar a ordem estabelecida.

Para formar bibliotecários, Dewey funda em Nova York, em 1857, o *Columbia College School of Library Economy*, considerado o segundo curso de Biblioteconomia no mundo, impulsionando a formação profissional naquele país em nível técnico. Dewey responde às necessidades de seu tempo, de formar bibliotecários para bibliotecas públicas, com habilidades técnicas e não eruditas e, portanto, com salários menores. O bibliotecário nos moldes humanistas, aquele que recomenda leituras, que intervém nos debates, e é em suma um erudito, está em declínio em uma sociedade onde o bibliotecário precisa atender a uma grande massa urbana, cujo letramento deriva especialmente da necessidade de deter um saber técnico para a produção industrial. Seria apenas na década de 1920 que o ensino da biblioteconomia passaria ao nível superior nos Estados Unidos, por recomendação do *Committee on Library Training à American Library Association* e a biblioteconomia passa de técnica a uma carreira profissional³⁶.

Portanto, já no final do século XIX estavam instalados dois grandes modelos de formação para bibliotecários: o americano, marcado pela praticidade de Dewey, e o Francês, nos moldes da *École de Chartes*.

É dentro da influência americana que já em 1929 estrutura-se o segundo curso do país, no Instituto Mackenzie em São Paulo, calcado no pragmatismo e constituindo-se das seguintes matérias básicas: Catalogação; Classificação; Referência; Organização.

A massa trabalhadora que vai tomando as cidades a partir dos anos 1930 reivindica para si o direito aos bens públicos, incluindo-se a educação, que até então era privilégio de

³⁵ MICKTTERICK, 2008, p. 101

³⁶ GALLARDO, 2001, p. 86-89

poucos. O governo Vargas estabeleceria um pacto entre o Estado e a crescente população urbana – o populismo -, iniciando o processo de acesso à educação e à cultura³⁷.

A elite culta de São Paulo, numa efervescência modernista, via na cultura estendida à população uma forma de aperfeiçoamento da sociedade, impulsionando tanto o ensino como a criação da Divisão de Bibliotecas no Departamento de Cultura³⁸. A divisão constituiu em 1935 o curso da Prefeitura Municipal de São Paulo, deixando de existir o curso oferecido pelo Instituto Mackenzie. A princípio existia apenas a cadeira de Catalogação e Classificação, sendo criada em 1937 a disciplina História do Livro e no ano seguinte a cadeira de Referência. Em 1939, este curso deixa de existir, ressurgindo em 1940 como Escola de Biblioteconomia, anexa à Escola Livre de Sociologia e Política, hoje FESP (Fundação Escola de Sociologia e Política).³⁹ O curso visava dar sustentação à rede de bibliotecas públicas da capital paulista⁴⁰. Concedia também bolsas de estudo, facilitando o ingresso de estudantes de outros estados, o que iria possibilitar uma posterior descentralização do ensino⁴¹.

No Rio de Janeiro o curso da Biblioteca Nacional foi reformado. Segundo Dias⁴², com a reforma, a conseqüência benéfica foi sua transformação, porque até então, a rigor, só formava pessoal para a própria Biblioteca Nacional. Com disciplinas essencialmente especializadas, os cursos eram destinados a promover uma formação básica profissional, em princípio, útil a qualquer tipo de biblioteca. Os Cursos ficaram assim constituídos:

1) Curso Fundamental de Biblioteconomia (1º. Ano), destinado a preparar candidatos aos serviços auxiliares de biblioteca, com as seguintes disciplinas:

- a) Organização de Bibliotecas;
- b) Catalogação e Classificação;
- c) Bibliografia e Referência;
- d) História do Livro e das Bibliotecas.

2) Curso Superior de Biblioteconomia (2º. Ano), destinado a preparar os candidatos aos serviços especializados e de direção de bibliotecas, com as seguintes disciplinas:

- Organização e Administração de Bibliotecas;
- Catalogação e Classificação;
- História da Literatura (aplicada à Bibliografia);
- Disciplina Optativa entre as seguintes:
 - Noções de Paleografia e Catalogação de Manuscritos e de Livros Raros e Preciosos;
 - Mapotecas;

³⁷ MARTIN-BARBERO, 2008, p. 285-288

³⁸ MILANESI, 1986, p. 80

³⁹ DIAS, 1955 p.12-13.

⁴⁰ CHAGAS, 2009, p. 57

⁴¹ DIAS, 1991, p. 10

⁴² DIAS, 1955,

- Iconografia;
- Bibliotecas de Música;
- Bibliotecas Infantis e Escolares;
- Bibliotecas Especializadas e Bibliotecas Universitárias;
- Bibliotecas Públicas;
- Ou qualquer disciplina ou grupos de disciplinas cursadas na Faculdade Nacional de Filosofia, ou instituto congênere, sobre assuntos de interesse para a cultura do bibliotecário.

3) Cursos Avulsos, tais como: Conservação e Restauração de Livros, Estampas e Documentos; Bibliografia de Balzac; Iconografia; Paleografia; Documentação; Literatura Latino-Americana, dentre outros, destinados a atualizar os conhecimentos dos bibliotecários já formados, e divulgar conhecimentos especializados de acordo com os progressos da Biblioteconomia verificados nos países mais adiantados.⁴³

O impulso ao ensino da biblioteconomia nos anos 1940 está especialmente associado aos estímulos da difusão da visão americana em São Paulo. Rubens Borba de Mores fora estudar biblioteconomia nos Estados Unidos no início da década de 1930. As técnicas que lá aprendeu o impressionaram e, retornando ao Brasil, foi um dos protagonistas da difusão das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo e da criação de sua Escola de Biblioteconomia.

No final dos anos 1940, com o fim da Guerra, o domínio no campo da ciência, especialmente na produção de energia nuclear, era entendido como questão de soberania. Em 1948, pesquisadores brasileiros criavam a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e em 1949 estudava-se a criação de um órgão para conduzir as pesquisas científicas no Brasil, que se concretizou em 1951, com a criação do CNPq. Com o retorno de Vargas o nacionalismo colocou na linha de frente da política a implementação de indústrias de base (siderurgia, hidroelétricas, petróleo), que exigiam preparação de recursos humanos e incremento das pesquisas. Para responder a essas necessidades foram criadas na década dez universidades⁴⁴.

Os anos 1950 seriam bastante profícuos para a área. Em 1951 realizou-se na Biblioteca Municipal de São Paulo a Conferência sobre o Desenvolvimento dos Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina; em 1953, o Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal, em Brasília e em 1954 o Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (e Documentação), em Recife - o CBBDD⁴⁵. A Portaria nº. 162 do Ministério do trabalho, de 07.10.1958, reconhecia a Biblioteconomia como profissão liberal. Para conduzir o acesso à

⁴³ DIAS, 1955

⁴⁴ MARTINS, 2004, p. 92

⁴⁵ CHAGAS, 2009, p.67

informação científica, em 1954 era criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), com o apoio da UNESCO, que criara o programa Unisist (Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnológica). Em 1955, o instituto lançaria o primeiro curso de pós-graduação – especialização - na área, o CDC - Curso Documentação Científica⁴⁶.

O impulso de industrialização se expandiria no governo de Juscelino com a instalação das montadoras de veículos no país, a construção de estradas e de Brasília. Mas os anos 1960 foram problemáticos. O governo de Jânio Quadros foi de instabilidade política, acabando por renunciar. João Goulart, por seu turno, foi deposto pelo golpe militar de 1964. O desenvolvimentismo militar colocaria a ciência e a tecnologia na ordem do dia, considerados estratégicos para a segurança nacional, mas a leitura era cerceada e em 1968 é criado o Conselho Superior de Censura.

Em 1º. de fevereiro de 1962, o Decreto n.º. 550, reformula o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, passando de 2 para 3 anos de duração, elevando-o a Nível Superior. É fixado o Currículo do Curso:

- 1º. Ano – Técnica do Serviço de Referência;
Bibliografia Geral;
Introdução À Catalogação e Classificação;
Organização e Administração de Bibliotecas; e
História do Livro e das Bibliotecas.
- 2º. Ano – Organização e Técnica de Documentação;
Bibliografia Especializada;
Catalogação e Classificação;
Literatura e Bibliografia Literária; e
Introdução à Cultura Histórica e Sociológica.
- 3º. Ano – Catalogação Especializada;
Classificação Especializada;
Produção de Documentos;
Paleografia; e
Introdução à Cultura Filosófica e Artística.

Além destas quinze disciplinas obrigatórias, o aluno para diplomar-se, ficava obrigado a prestar exame em um curso avulso, dentre os vários oferecidos pela Biblioteca Nacional.

A Lei n.º. 4.084, de 30/06/1962, regulamentada pelo Decreto n.º. 56.725, de 16/08/1965, passou a dispor sobre as atividades profissionais dos bibliotecários em todo o Brasil.

⁴⁶ MARTINS, 2004, p. 93

No ensino foram estabelecidos currículos mínimos. O primeiro currículo mínimo obrigatório para o Curso de Biblioteconomia foi estabelecido pelo então Conselho Federal de Educação (CFE), por meio do Parecer n.º. 326, datado de 16/11/1962, homologado pela Portaria Ministerial de 04/12/1962, o qual compreendia as seguintes matérias:

- História do Livro e das Bibliotecas
- História da Literatura
- História da Arte
- Introdução aos Estudos Históricos e Sociais
- Evolução do Pensamento Filosófico e Científico
- Organização e Administração de Bibliotecas
- Catalogação e Classificação
- Bibliografia e Referência
- Documentação
- Paleografia

Os acordos MEC/USAID fizeram aumentar sistematicamente o número de cursos superiores e de pós-graduações. O número de vagas no ensino superior passou de 100.000 em 1965 para cerca de 400.000 no final da década⁴⁷. Na questão do acesso à informação, um grupo composto por técnicos americanos e brasileiros recomendava que os serviços de informação fossem reformulados a fim de prover melhores suportes à pesquisa e ao desenvolvimento do país. O relatório propunha

[...] uma 'documentação agressiva', suprindo a informação necessária à organizações técnico-científicas, em base prioritária [...] modernizar e expandir o preparo de bibliotecários e especialistas em documentação, reformulando as propostas de ensino vigentes.⁴⁸

Em 1960 existiam dez cursos de Biblioteconomia no país e ao longo da década foram criados mais nove. O CBBB realizou três encontros nos anos sessenta: 1961, em Curitiba, 1963, em Fortaleza e 1965 em São Paulo. Neste último encontro, dentre as recomendações estava a de melhorar o nível das escolas e que se permitisse que os bibliotecários já formados pudessem voltar para atualização técnica em Documentação. Este tipo de recomendação persistiria nos encontros seguintes⁴⁹.

Os bibliotecários, que desde a década anterior vinham lutando pela definição de símbolos atribuidores de *status* para a profissão [...] tiveram no início dos anos da década de 1960 dois fortes motivadores para a expansão do ensino. O primeiro foi a fixação do Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia pelo Conselho Federal de Educação (Parecer n.º. 326/CFE/62) e o segundo foi a sanção da Lei n.º. 4.084, de 30 de junho de 1962, dispondo sobre a profissão de bibliotecário e regulamentando seu exercício⁵⁰.

⁴⁷ CHAGAS, 2009, p. 76

⁴⁸ CNPq, citado por CHAGAS, 2004, p. 95

⁴⁹ FERREIRA et al, 1979, citado por CHAGAS, 2009, p. 86

⁵⁰ CHAGAS, 2009, p. 87

Com a criação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG, pelo Decreto-Lei n.º. 773, de 20/08/1969, surge a Escola de Biblioteconomia e Documentação – EBD. E com o Decreto n.º. 76.832, de 17/12/1975, surge a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ, tendo em vista a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. Em 5 de junho de 1979, a Lei n.º. 6.655, transforma a FEFIERJ em Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Em 1970 estaria criado o primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação no IBBD (atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT), decorrente de uma forte aproximação do Brasil com os Estados Unidos. As mudanças e demandas que se colocavam então estavam em sintonia com outras mais distantes no espaço e no tempo.

Entre o final do século XIX e início do XX o belga Paul Otlet e seu amigo Henry de La Fontaine, queriam fazer um inventário de toda produção de conhecimentos existente, criando um Repertório Bibliográfico Universal. Ao longo do tempo suas pretensões foram muito mais longe⁵¹. As inovações trazidas por Otlet, seu anseio por tecnologias facilitadoras do trabalho biblioteconômico e o emprego de métodos padronizados que permitissem o intercâmbio em nível mundial, encaminharam à expansão da cooperação. Inspirado no sistema de Dewey cria a Classificação Decimal Universal – CDU, que seria um meio prático tanto de organização documentária como de intercâmbio. Quanto a seu objeto de interesse, ele o denomina documento. Dirá: “Os livros são ao mesmo tempo o receptáculo e o meio de transporte das idéias” (Otlet, 1996, p. 43). Então, tudo o que é receptáculo e meio de transporte de idéias é documento e merece igual tratamento.

Otlet conseguiu criar em 1895 O Instituto Internacional de Bibliografia, que passaria a se chamar Instituto Internacional de Documentação em 1931, Federação Internacional de Documentação em 1938 e Federação Internacional de Informação e Documentação, a partir de 1986⁵². Esta mudança de nomes não se deu por nada.

Se Otlet já se fazia valer da cooperação de bibliógrafos especializados em ciência, a segunda geração de documentalistas, ao menos como a entende Day⁵³, está voltada especialmente para lidar com os conhecimentos especializados das ciências. Briet, sua principal protagonista, que foi diretora da Biblioteca Nacional da França, propõe uma espécie de cooperação entre as Bibliotecas Nacionais, com a estruturação do que chamou de 'centro

⁵¹ Para mais sobre os empreendimentos feitos e pretendidos por Otlet ver RAYWARD, 1991, 1994 e 1997

⁵² Conforme Ortega (2004; 2008), em 1899, o Brasil passa a participar do Instituto Internacional de Bibliografia, fundado por Otlet, como contribuinte para o Repertório Universal. O membro representante seria Juliano Moreira, médico baiano. A livraria paulista Civilização recebia regularmente assinaturas e encomendas do Instituto de Otlet e fichários técnicos padronizados. Já em 1900, Oswaldo Cruz introduz o CDU na biblioteca da atual FIOCRUZ e em 1911, o então diretor da Biblioteca Nacional, Manoel Cícero Pelegrino da Silva, também introduzia aquele sistema de classificação e criava o serviço de bibliografia e documentação, em cooperação com Instituto Internacional de Bibliografia.

⁵³ DAY, 2001; 2003

nacional de informação **para pesquisa**', que serviria aos especialistas nas suas buscas de documentos e informações nas bibliotecas do mundo. Diria: "A evolução do conhecimento humano é um compromisso em curso entre duas atitudes intelectuais. Invenção e interpretação, reflexão e teste de hipóteses compartilhados no cenário intelectual. A documentação os serve."⁵⁴

Nos Estados Unidos, por seu turno, a translação do ensino de biblioteconomia tipicamente estruturado para servir a bibliotecas públicas, a um que tivesse como centro de atenções as informações para o desenvolvimento da ciência levou a conflitos.

Na década de 50, Margaret Egan e Jesse Shera, membros da Escola de Biblioteconomia de Chicago, avaliam que a atenção dos bibliotecários durante os anos anteriores esteve voltada para a revolução da comunicação de massa e seu provável efeito sobre os serviços de biblioteca para o leitor em geral, enquanto poucos se preocuparam com a revolução da organização e serviços de biblioteca, a qual foi tratada por outro campo, nomeado "comunicação da informação especializada" e desenvolvido por documentalistas e especialistas de informação. Shera apontou a própria Escola como uma das principais responsáveis pela repulsa dos bibliotecários por habilidades técnicas⁵⁵.

Como durante a Segunda Guerra havia se desenvolvido um conjunto de teorias sobre informação e comunicação e a demanda por informações mais precisas, pontuais e velozes eram requeridas pelos cientistas, as pesquisas acabariam por se voltar para construção de meios mais eficazes de recuperação da informação. Aqueles que trabalhavam neste sentido denominavam seus estudos de "recuperação da informação" e, finalmente, o nome de "ciência da informação" (CI), termo utilizado pela primeira vez em 1955⁵⁶. Há, portanto, uma aproximação entre a CI americana e a Documentação européia.

A nova concepção americana de tratamento de documentos e informação, entendida e nomeada a partir de então como Ciência da Informação, se transfere para o Brasil com a criação do primeiro mestrado em CI no IBBD (IBICT) em 1970. O corpo docente do curso contava com professores estrangeiros, especialmente americanos e ingleses; vieram importantes pesquisadores como Frederick W. Lancaster, Tefko Saracevic, Bert R. Boyce e Ingertraut Dahlberg, dentre outros⁵⁷.

O perfil deste mestrado iria influenciar a formação da rede de pós-graduações em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação no país. Mesmo aqueles programas

⁵⁴ BRIET, 1951 apud MAACK, 2000_?

⁵⁵ ORTEGA, 2004

⁵⁶ RAYWARD, 1997

⁵⁷ PINHEIRO; LOUREIRO, 1995, p. 48.

criados com o nome de Biblioteconomia e Documentação acabaram por mudar seu nome para Ciência da Informação. Estes programas de pós-graduação iriam tanto favorecer a melhoria dos cursos de graduação, na qualificação de docentes e na produção de literatura nacional no campo, como carregar para ali as influências da abordagem americana.

Nos anos 1970, mais da metade da população brasileira é urbana. O Brasil, que havia passado anos de crescimento excepcionais, o chamado 'milagre econômico', a partir do choque do petróleo e da taxa de juros, no início da década, entraria num longo período de recessão acompanhada de inflação.

O crescimento da economia é entendido como dependente, especialmente, do conhecimento científico e das tecnologias e estes do bom fluxo das informações. Assim, as demandas por melhorias no campo de ensino da biblioteconomia seriam crescentes. O que se quer são bibliotecários capazes de lidar com usuários que apresentam necessidades específicas e só se formavam bibliotecários para bibliotecas públicas e escolares. O foco estaria se deslocando cada vez mais da biblioteca e das técnicas e métodos para sua organização para o usuário e os seus modos de lidar com a informação. Do ponto de vista de Chagas, é para atender a este novo enfoque se constituíram na década de 1970 seis cursos de mestrado em Biblioteconomia⁵⁸.

No âmbito da graduação foram criados oito cursos, mas durante toda década o currículo mínimo seria ponto de discussões. A Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) e a Associação Brasileira de Ensino em Ciência da Informação (ABECIN) seriam centrais na canalização das propostas e na criação de espaços de reflexão. Só em 1976 se chegaria à primeira proposta que era de manutenção do curso com duração de três anos e a inclusão das disciplinas: Função Social da Biblioteca, Estudo do Usuário, Planejamento e Administração de Sistemas de Informação, Fontes de Informação, Seleção e Aquisição. A réplica viria logo, já que as novas disciplinas exigiam fundamentações que não estavam presentes no currículo.

A Secretaria de Ensino Superior (SeSU) do Ministério da Educação organizou um grupo de trabalho, constituído pela ABEBD, UFMG, USP, UFPB, UFPR, UnB e IBICT e com Assessores Técnicos da SeSU para a elaboração de uma proposta de reformulação do currículo mínimo do Curso de Biblioteconomia, encaminhada no ano de 1981 ao então CFE. Esta proposta foi aceita pela grande maioria das instituições que mantinham o curso de Biblioteconomia, e aproveitada em sua maior parte no Parecer nº 460/82 do Conselho Federal de Educação do Ministério da Educação e Cultura (CFE/MEC).

⁵⁸ CHAGAS, 2009, p. 103

O aumento do número de Escolas de Biblioteconomia foi reflexo da explosão quantitativa que caracterizou o ensino superior no Brasil na década de 1970. Este aumento implicava na preocupação com a qualidade do ensino aliado aos interesses pela pesquisa e à necessidade de preparar profissionais para atuarem na área de Informação em Ciência e Tecnologia. Fazia-se necessário capacitar docentes e pesquisadores, despertando a conscientização acerca da importância da investigação nos campos da Biblioteconomia, Documentação e Informação. A expansão da estrutura da pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação fazia parte destes objetivos.

Dos trabalhos de mapeamento e sugestão para a formação dos bibliotecários, Chagas seleciona o de Nice Figueiredo, em 1977, do qual destacamos alguns pontos de recomendações:

- O aprofundamento do ensino de disciplinas culturais, técnicas e de línguas;
- A adequação do curso às oportunidades do mercado e ao perfil do usuário locais;
- A promoção de convênios e de eventos entre escolas;
- A produção de livros e a tradução de obras importantes para o português.

No que tange às publicações, na década dos setenta é que se estabelecem as primeiras revistas especializadas em Biblioteconomia e Ciência da Informação no país: em 1972, Ciência da Informação do IBICT e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, hoje Perspectivas em Ciência da Informação; em 1973, Revista de Biblioteconomia de Brasília e Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação da FEBAB; em 1979, Biblos, da FURG.

O novo currículo só seria implementado em 1984, com modificações pelo CFE à proposta feita pela ABECIN. O Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia, segundo a Resolução CFE nº 8 de 29/10/1982, passou então a constituir-se de três grupos de matérias:

a) Matérias de Fundamentação Geral:

- Comunicação
- Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo
- História da Cultura

b) Matérias Instrumentais:

- Lógica
- Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
- Língua Estrangeira Moderna
- Métodos e Técnicas de Pesquisa

c) Matérias de Formação Profissional:

- Informação Aplicada à Biblioteconomia
- Produção dos Registros do Conhecimento
- Formação e Desenvolvimento de Coleções
- Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento
- Disseminação da Informação

- Administração de Bibliotecas⁵⁹

Os anos 1980 estariam permeados de encontros e debates no campo da Biblioteconomia, conforme era já recomendação feita pelo estudo de Nice Figueiredo. Houve o primeiro e segundo Encontros Nacionais de Ensino em Biblioteconomia e Documentação, cinco encontros do CBBB e oito Encontros Nacionais de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEED). Ainda no final da década seria fundada a ANCI – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, que também viria a ser uma forte propulsora da produção de conhecimentos em Biblioteconomia e CI no Brasil. Os temas do CBBB na década giram em torno de dois grandes temas: a educação em biblioteconomia e a informação para democracia e desenvolvimento. Ainda nesta década são criadas mais duas revistas: a Transinformação da PUCCAMP e a Revista de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Se a tecnologia dos computadores trazia motivos para mudanças para o perfil do bibliotecário, nos anos 1990, o acesso remoto generalizado e a crescente globalização da economia trariam novas expectativas sobre suas qualificações e habilidades profissionais.

A Federação Internacional de Documentação e Informação (FID) produziu nos anos 1990 um documento delineando o perfil do Moderno Profissional da Informação. A repercussão foi grande no país, rendendo uma intensa produção de artigos⁶⁰. O destaque do perfil ficaria por conta da gestão de informação científica e tecnológica, agora associada ao imperativo de inovações a que estariam submetidas as empresas no contexto global e neoliberal. Temas como gestão da informação e do conhecimento, informação estratégica, planejamento estratégico, dentre outros, perpassavam os campos tanto da Biblioteconomia como da Ciência da Informação, num estreito paralelo com a Administração de Empresas e a Economia.

Vale ressaltar que a demanda por tratamento da informação em ciência e tecnologia não era nova, mas estava desenhado para o perfil do Estado, entendido como seu grande gestor. O eixo estaria se deslocando, desde os anos 1980, para o empreendimento privado, com a configuração de um Estado minimalista e onde a produção de novos conhecimentos estaria ao encargo de empresas privadas. Para bom funcionamento da produção e do mercado de conhecimentos novos entrariam na linha de frente as pressões por defesa da propriedade privada de "bens" intelectuais. A partir do início do século, a limitação de acesso a informações entendidas como propriedade privada levaria a um movimento por livre acesso ao

⁵⁹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. *Resolução n.º 8*, de 29/10/82. Brasília, 1982.

⁶⁰ SANTOS, 1996; GUIMARÃES, 1997; VALENTIM, 2000, dentre muitos outros.

conhecimento registrado e ao debate acerca das limitações ao próprio curso de produção de novos conhecimentos que a proteção da propriedade intelectual queria garantir. Já no final da primeira década do milênio, a crise e recessão da economia norte americana e sua repercussão sobre o mundo colocariam em xeque o modelo neoliberal, apontando para um maior controle do mercado e, portanto, da informação.

A partir de 2001 os esforços da ABEBD e ABECIN iriam no sentido de flexibilização curricular, tendo em vista as novas Diretrizes Curriculares Nacionais discutidas no país e propostas pelo MEC. Dessa forma, por meio das discussões realizadas pelas diretorias e representantes regionais da ABEBD e da ABECIN desde 1996, com a participação de professores, coordenadores de cursos e diretores de escolas de Biblioteconomia no país e no âmbito do Mercosul, deixou de existir os currículos mínimo e plenos e passam a vigorar áreas curriculares assim estabelecidas:

- Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação
- Organização e Tratamento da Informação
- Recursos e Serviços de Informação
- Gestão de Unidades de Informação
- Tecnologia da Informação
- Pesquisa

Em alguns cursos, como no do curso da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, considerou-se conveniente trabalhar o ensino das tecnologias da informação e a pesquisa inseridos no contexto das áreas de conhecimento próprias da Biblioteconomia. A opção foi, assim, manter quatro grandes áreas:

- Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação
- Organização e Recuperação da Informação
- Recursos e Serviços de Informação
- Gestão da Informação e de Unidades de Informação

Nestes noventa e sete anos (1911-2008) o ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil, Población⁶¹, em estudo de 1991, identifica 4 fases, às quais acrescentamos a que vem daquele momento até hoje:

- fase I (1911-1928) - formação com influência européia;
- fase II (1929-1969) - mudança de direção da influência européia para o pragmatismo americano;
- fase III (1970-1985) - ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento quantitativo das escolas;

⁶¹ POBLACION; VERGUEIRO, 1991, p.1202-1204.

- fase IV (1986-2001) - estabilização do crescimento quantitativo e início do período de reflexão, objetivando a avaliação qualitativa do ensino ministrado em nível de graduação.
- fase V (a partir de 2001) – estabelecimento das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Biblioteconomia e implantação de novos cursos no país, com seus respectivos projetos pedagógicos.

No Brasil, existem atualmente 43 cursos que atribuem o grau de Biblioteconomia em nível superior, identificados ou não, na sua titularidade, sob essa nomenclatura. No Estado do Rio de Janeiro existem quatro cursos: três em instituições federais (UNIRIO, UFF e UFRJ) e um em particular (USU).

2.2 Trajetória do Curso de Biblioteconomia da UNIRIO

O curso oferecido pela Escola de Biblioteconomia da UNIRIO apresenta longa trajetória e tradição no país. Foi o primeiro fundado na América Latina e o terceiro no mundo, sob a égide da Biblioteca Nacional brasileira, em 1911, estruturado segundo modelo europeu de ensino, consagrado pela *École de Chartes*, nos moldes de uma formação erudita.

O curso era inicialmente oferecido aos funcionários da própria BN e ministrado por chefes de setores e, portanto, tinha em vista atender às necessidades daquela instituição. A reformulação ocorrida em 1931 teve, de certo modo, uma visão mais ampla das necessidades do conhecimento bibliotecário por todo país, do modo que passou a possibilitar a formação de bibliotecários para trabalhar em qualquer biblioteca.

Em 1944 estava estruturado em dois anos: o primeiro ano chamado de curso fundamental e o segundo ano de curso superior, além de contar com cursos avulsos que proporcionavam alguma especialização. A condição de ingresso era ter completado o científico ou clássico (atual ensino médio) e prestar exames de admissão. O curso da BN passaria também a oferecer bolsas de estudo, facilitando a formação de bibliotecários de outras regiões e contribuindo para formação de escolas para além do eixo Rio-São Paulo⁶².

Em 1953 o diploma expedido pelo curso da BN passava a ser passível de registro junto à Diretoria do Ensino Superior do MEC. Nove anos mais tarde, em 1962, a profissão de bibliotecário é reconhecida e o curso de Biblioteconomia é incluído no nível superior, com um currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação⁶³. O curso tinha, então, a duração de três anos e introduzia os métodos e processos da Documentação que, para

⁶² DIAS; XAVIER; VILLAR, 1991, p. 11

⁶³ UNIRIO. Escola de Biblioteconomia, [199-?]

Dias⁶⁴, poupou a biblioteconomia brasileira de dicotomias e controvérsias conforme as que haviam se estabelecido na Europa e nos Estados Unidos.

No âmbito da reforma universitária, realizada pelo governo militar em 1968, já no ano de 1969 é criada a FEFIEG – Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara pela agregação de escolas de instituições renomadas de ensino superior, dentre elas a Escola de Biblioteconomia e Documentação que funcionava na BN⁶⁵. A partir de 1975, esforços tomariam sentido de tornar a federação em universidade federal, o que se realizou já em 1979, passando a chamar-se UNIRIO.

O primeiro currículo mínimo para o curso de Biblioteconomia vigorou de 1962 a 1982, quando o CFE estabeleceu um novo currículo, a partir das sugestões do grupo de trabalho constituído pela SeSU (Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação). Assim, um novo currículo foi implantando na Escola dois anos depois, adotando o sistema de créditos, o estágio supervisionado. O currículo pleno também passava de três para quatro anos de duração mínima, fruto de adaptações às modernizações técnicas no campo da informação e da comunicação. A Resolução UNIRIO, no. 357, de 28 de novembro de 1983, aprovou o Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia e Documentação. O qual sofreu reestruturações tendo em vista a discussão do corpo docente, ao instrumento de coleta de dados aplicados aos alunos à época e por reivindicação do Diretório Acadêmico de Biblioteconomia e Documentação. A grade de disciplinas do currículo pleno, implementado em 1986, ficou assim distribuída⁶⁶:

⁶⁴ DIAS, 1991, p. 17

⁶⁵ MENEZES; WILKE, 2008 p. 2

⁶⁶ Fonte: PLACER; VILLAR, 1991, p. 24-25

1º. Período

Comunicação
Documentação nas Artes I
História das Ciências
Português I
Estudos de Problemas Brasileiros I
Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo
Inglês I

2º. Período

Métodos e Técnicas de pesquisa
Inglês II
Português II
Estudos de Problemas Brasileiros II
Documentação nas Artes II
Introdução à Administração
Lógica

3º. Período

História Bibliografias Literárias I
Produção do Registro do Conhecimento I
Catalogação I
Técnica de Referência I
Bibliografia I

4º. período

História Bibliografias Literárias II
Produção do Registro do Conhecimento II
Catalogação II
Classificação II

Técnica de Referência II
Bibliografia II

5º. Período

Catalogação III
Classificação III
Bibliografia III
Reprografia I
Organização e Administração de Bibliotecas
Produção do Registro do Conhecimento III

6º. Período

Catalogação IV
Classificação IV
Elementos de Análise de Sistemas e Computação I
Introdução à Ciência da Informação e Documentação
Reprografia II

7º. Período

História da Filosofia
Formação e Desenvolvimento de Coleções
Técnicas de Recuperação e Disseminação da Informação
Elementos de Análise de Sistemas e Computação II
Reprografia III
Introdução à Cultura Brasileira

8º. Período

Estágio Curricular
Optativa

O currículo implantado sofreu algumas alterações, especialmente inclusão de novas disciplinas.

1º. Período

Introdução à Biblioteconomia
Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo
Terminologia e Redação Técnica Vernácula I
Comunicação
Terminologia e Redação Técnica Estrangeira I
História das Ciências
Documentação nas Artes I
Educação Física I

2º. Período

Produção do Registro do Conhecimento I
Terminologia e Redação Técnica Vernácula II
Introdução à Catalogação
Terminologia e Redação Técnica Estrangeira II
Lógica
Documentação nas Artes II
Educação Física II

3º. Período

Produção do Registro do Conhecimento II
Bibliografia I
Métodos e Técnicas de Pesquisa
Catalogação I
Teoria da Classificação
Introdução à Administração
Técnica de Referência I

4º. período

Princípios e Métodos de Editoração Moderna
Bibliografia II
Introdução à Ciência da Informação e Documentação
Catalogação II
Controle Bibliográfico
Análise da Informação
Técnica de Referência II

5º. Período

História Bibliografias Literárias I
 Bibliografia III
 Técnicas de Recuperação e Disseminação da Informação
 Catalogação III
 Classificação Decimal de Dewey e Catálogo Alfabético de Assuntos
 Organização e Administração de Bibliotecas

6º. Período

História Bibliografias Literárias II
 Reprografia I
 Elementos de Análise de Sistemas e Computação I
 Classificação Decimal Universal e Catálogo Sistemático

Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias
 Optativa

7º. Período

Introdução à Cultura Brasileira
 Reprografia II
 Elementos de Análise de Sistemas e Computação II
 Estágio Supervisionado I
 História da Filosofia
 Formação e Desenvolvimento de Coleções

8º. Período

Seminário de Monografia
 Estágio Supervisionado II
 Optativa

Atualmente o Curso de Bacharelado em Biblioteconomia oferece as disciplinas abaixo discriminadas.

1º. Período

Introdução à Biblioteconomia
 Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo
 Expressão Oral e Escrita
 Comunicação
 Fundamentos de Inglês Instrumental
 História da Ciência e da Tecnologia
 Introdução à Filosofia

2º. Período

Documentação nas Artes
 Produção do Registro do Conhecimento I
 Leitura e Produção de Textos
 Introdução à Catalogação
 Leitura e Interpretação em Língua Inglesa
 Lógica

3º. Período

Produção do Registro do Conhecimento II
 Bibliografia I
 Métodos e Técnicas de Pesquisa
 Catalogação I
 Introdução à Administração
 Teoria da Classificação
 Técnica de Referência I

4º. período

Princípios e Métodos de Editoração Moderna
 Bibliografia II
 Introdução à Ciência da Informação
 Catalogação II
 Controle Bibliográfico
 Análise da Informação
 Técnica de Referência II

5º. Período

História Bibliografias Literárias I
 Bibliografia III
 Técnicas de Recuperação e Disseminação da Informação
 Catalogação III
 Organização e Administração de Bibliotecas
 Classificação Decimal de Dewey e Catálogo Alfabético de Assuntos
 Optativa

6º. Período

História Bibliografias Literárias II
 Reprografia I
 Elementos de Análise de Sistemas e Computação I
 Classificação Decimal Universal e Catálogo Sistemático
 Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias
 Optativa
 Optativa

7º. Período

Introdução à Cultura Brasileira
 Reprografia II
 Elementos de Análise de Sistemas e Computação II
 Formação e Desenvolvimento de Coleções
 Estágio Supervisionado I
 Optativa
 Optativa

8º. Período

Seminário de Monografia
 Estágio Supervisionado II

De certo modo, as mudanças e adaptações que foram realizadas ao longo dos anos buscaram atender às necessidades de atualização por inclusão de disciplinas eletivas e por extensão de certos aspectos nas disciplinas já existentes. A nova proposta deve, portanto, reorganizar tais conteúdos em disciplinas próprias. Para que tal articulação seja apropriada é necessário descrever o panorama atual, reafirmar fundamentos e explicitar o perfil do bibliotecário que a Escola de Biblioteconomia da UNIRIO quer formar.

3 JUSTIFICATIVAS**3.1 O Curso, o Conhecimento de Biblioteconomia e o Contexto Atual**

Considerando pesquisas concluídas e em andamento, desenvolvidas por professores da própria Escola de Biblioteconomia (cf. MIRANDA, MOREIRA, PINHEIRO e outros), é possível considerar, através dos conteúdos programáticos dos componentes curriculares do atual curso de Biblioteconomia da UNIRIO, que se tem por guia um perfil de profissional adequado às realidades locais.

Vale considerar que a Escola de Biblioteconomia detém significativa parcela nos processos de inclusão de seus graduandos no mercado de trabalho. Além disso, o nível de qualidade do ensino de Biblioteconomia na UNIRIO, reconhecido até meados da década de 1970, em face da preferência das organizações por estagiários da Escola em detrimento de outras, voltou a ser marcante. O índice de aproveitamento pelo mercado, tanto no âmbito profissional (bibliotecários) quanto da formação (estagiários), denuncia que o curso tem efetivo grau de qualidade. A reformulação curricular, nesta circunstância, teria função de aprofundamento dos caminhos já trilhados, adicionando aspectos que respondam às transformações sociais modificadoras de necessidades de informação e das formas para sua obtenção.

Em geral, uma reformulação curricular tem em vista substituir conhecimentos obsoletos e inserir novos elementos ao modo de abordagem de determinada Ciência. No entanto, as análises de Andreeta e Andreeta⁶⁷ mostram que os resultados obtidos com algumas reformulações curriculares, praticadas em todos os níveis, apontam inconsistências de propostas. Os elementos introduzidos, em sentido modernizante, muitas vezes, não eram sequer relevantes em um futuro próximo.

Um dos grandes avanços de nossa civilização é o processo metódico sistemático de fazer progredir o conhecimento: o teste empírico das teorias. [...] Assim, a ciência vai desbastando a ciência boa do mito, do palpite, da superstição. O que sobra é sólido⁶⁸.

Ora, um currículo de formação não pode ser a expressão desse teste empírico, mas a sua corroboração. O delineamento de um currículo de formação deve primar por atualidade e qualidade. No entanto, o estágio de determinados conhecimentos no campo da informação tem levado à formulação de alguns programas de graduação em biblioteconomia marcados por noções por vezes ensaístas e com uma diversidade de elementos curriculares pouco ou nada articulados a um corpo central de conhecimentos próprios e já consolidados da Biblioteconomia. Sob tais circunstâncias, não ficam firmadas as bases a partir das quais o estudante, e depois o profissional, possa incorporar crítica e produtivamente novos conhecimentos ou mesmo criar soluções inovadoras. A experiência tem mostrado que devem ser evitados todos os procedimentos que denotem “modernização”, “adequação” ou, simplesmente, “atualização” de conteúdos não consolidados ou não articulados ao corpus teórico existente, porque envolvem o risco, pleno e em curto prazo, da caducidade da proposta.

Por outro lado, as transformações sociais implicam, certamente, em constante reconsideração de pontos de vista científicos. Não há uma ciência perfeita (totalmente feita),

⁶⁷ ANDREETA; ANDREETA, 2002

⁶⁸ CASTRO, 2002

mas ciências sempre em construção. A consideração desse ponto de vista, no contexto da Biblioteconomia, deve ter em conta que alterações nos conteúdos curriculares, nos métodos e metodologias são sempre necessárias, mas não podem estar desatreladas de suas características intrínsecas e finalidades. A Biblioteconomia é, antes de tudo, uma ciência da sociedade, que estabelece constantemente o confronto entre o ideal e o racional, entre o pensamento sensível e o pensamento racional. Como Ciência, a Biblioteconomia se transforma e essa transformação se manifesta nos modos de oferecimento de seus serviços e produtos. As expectativas sociais acerca destes serviços são sempre elevadas e o seu atendimento, certamente necessário, não se deve deixar confundir com uma simples adaptação a conjunturas mercadológicas evitando-se "[...] os ditames de um fatalismo determinado pelas condições de mercado"⁶⁹.

Também não se pode ignorar que as novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente o acesso remoto e as mudanças na estrutura econômica mundial trouxeram novas expectativas e papéis para a informação. Para Castells⁷⁰ o termo informacional hoje está marcado por uma forma de organização social onde a geração, processamento e transmissão da informação converteram-se em fontes de produtividade e de poder. Tais mudanças ampliaram o leque de possibilidades de atuação do bibliotecário a partir dos anos 90, já que suas habilidades passam a ser aplicáveis além dos muros das bibliotecas, de forma que exigem novas compreensões em seu uso mais amplo⁷¹. Neste cenário, a demanda por competência informacional do bibliotecário implica não só em sua capacitação no manejo e disponibilização de uma variedade de recursos informacionais para as comunidades nas quais esteja inserido, mas de agir no sentido de tornar também informacionalmente competentes os integrantes destas comunidades. Tal competência implica tanto na capacitação para articular buscas destes recursos como a de colocar ao dispor saberes e conhecimentos produzidos nestas comunidades⁷².

3.2 As Demandas, Necessidades e Oportunidades

Além dos conhecimentos teóricos e técnicos afinados com as características da sociedade e cultura contemporâneos, a formulação do projeto deve ter em conta o perfil dos ingressos na Escola, que demanda a complementação de algumas habilidades, conhecimentos e competências necessárias e cujos indicadores obtidos apontam para algumas carências.

⁶⁹ SMIT; BARRETO, 2002, p. 12

⁷⁰ CASTELLS, 1997

⁷¹ CONSELHO, 2006?

⁷² VITORINO, 2009

Com base nos dados do questionário sócio-econômico-cultural aplicado aos ingressos na UNIRIO⁷³ há uma indicação de carência de capital cultura/educacional na família dos ingressos no curso de Biblioteconomia. Embora esta situação não seja determinante do desempenho dos estudantes, demandam que o projeto pedagógico contemple em seus componentes curriculares elementos que possam suprir tal carência.

Conforme os dados de 2009, para cerca de 40% o nível de escolaridade dos pais é de até ensino fundamental (antigo primeiro grau), enquanto 41% são filhos de pais que entraram ou completaram o ensino médio (antigo segundo grau). Portanto, estes 81% constituem ponto de ruptura ascendente no acesso à universidade em suas famílias, certamente um triunfo que necessita de elementos que favoreçam à suplementação de capital cultural com disciplinas e atividades que contribuam para aumentar os conhecimentos gerais dos alunos.

Também são necessárias disciplinas que suplementem as deficiências do ensino médio. Conforme informa o MEC⁷⁴, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica permite uma graduação de zero a dez. Para a totalidade do ensino médio no país o índice atual (2007) revelou-se baixo, com 3,5 pontos. Para o estado do Rio de Janeiro, o índice ainda é menor, chegando a 2,8. Portanto, boa parcela dos ingressos nas universidades do estado do Rio de Janeiro deve apresentar deficiências ou lacunas de conhecimentos.

As deficiências no ensino no estado do Rio de Janeiro refletem-se nas notas de exames do vestibular dos ingressos na Escola de Biblioteconomia, conforme o quadro abaixo, apontando a necessidade de reforços nos conhecimentos de português e história.

Intervalo de notas das provas	0,1 – 3,0	3,1 – 5,0	5,1 – 10,0
Objetiva	26%	68%	6%
Português	49%	39%	12%
História	52%	34%	14%
Redação	2%	22%	76%

QUADRO 1: Distribuição (%) de Notas Obtidas nas Provas do Exame de Vestibular para UNIRIO pelos Ingressantes no Curso de Biblioteconomia* – 2009
 FONTE: UNIRIO. COSEA/LAPEA. 2009-10-16

* Notas convertidas para contagem de pontos de 1 a 10

Alguns dos componentes curriculares do projeto, incluindo as disciplinas obrigatórias, devem ter em vista suprir as carências detectadas.

Por outro lado, o projeto deve considerar, também, o estado da arte da sociedade em que se insere e as inovações e o desenvolvimento que o Curso poderá aí promover. A cidade

⁷³ UNIRIO. CAOSEA/LAPEA. 2009

⁷⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INEP. IDEB, 2007

do Rio de Janeiro contempla uma vasta gama de órgãos públicos Federais, Estaduais e Municipais, onde os serviços de informação são essenciais.

De forma a estabelecer eixos de formação que atendam às características e demandas configuradas no país, especialmente nos estado e cidade do Rio de Janeiro, alguns indicadores precisam ser levados em conta. Relevaram-se os seguintes indicadores:

a) Os dados referentes aos equipamentos culturais das cidades brasileiras indicam que as bibliotecas públicas constituem os equipamentos de maior representatividade nas cidades, sobrepondo-se aos cinemas, teatros, clubes e *shopping centers*.

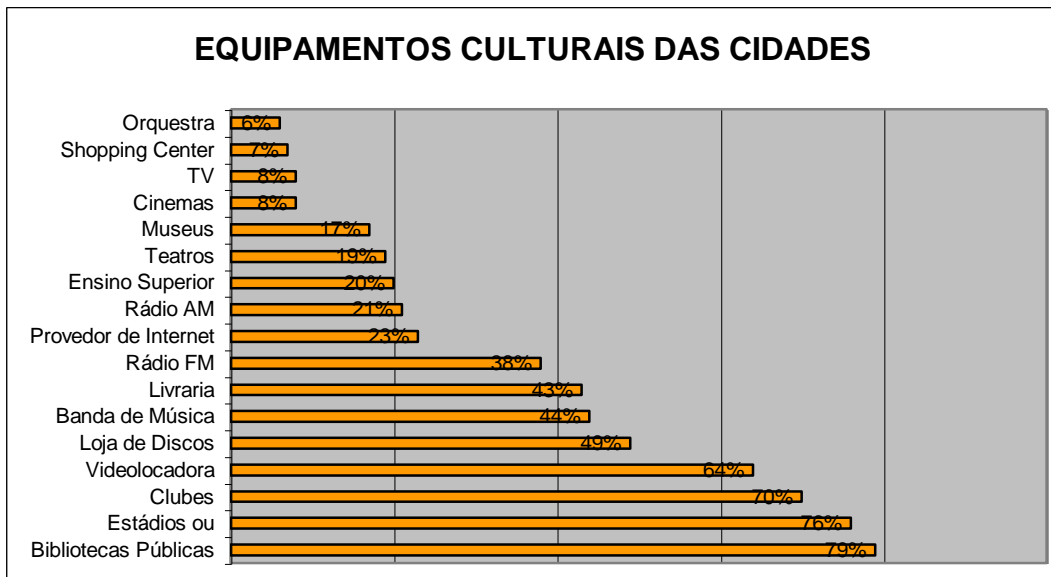


Gráfico1: Equipamentos Culturais das Cidades

FONTE: Fundação Centro de Informações e dados do Rio de Janeiro - CIDE, 2003.

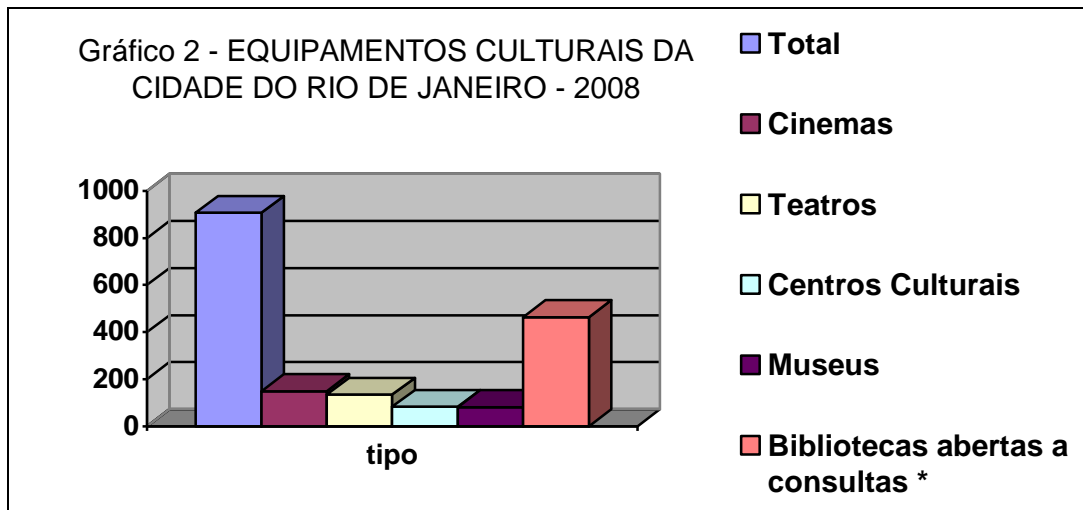
No estado do Rio de Janeiro existem 1170 bibliotecas⁷⁵, incluindo-se não apenas as públicas e escolares, mas de sindicatos, igrejas, associações de moradores, museus, dentre outras, que estão abertas ao público em geral. Destas, 186 são bibliotecas públicas registradas⁷⁶. Só a cidade do Rio de Janeiro conta com 81 museus e 82 espaços culturais⁷⁷ e 463 bibliotecas⁷⁸.

⁷⁵ MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. PORTAL FUST

⁷⁶ BIBLIOTECA NACIONAL

⁷⁷ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2008

⁷⁸ MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. PORTAL FUST



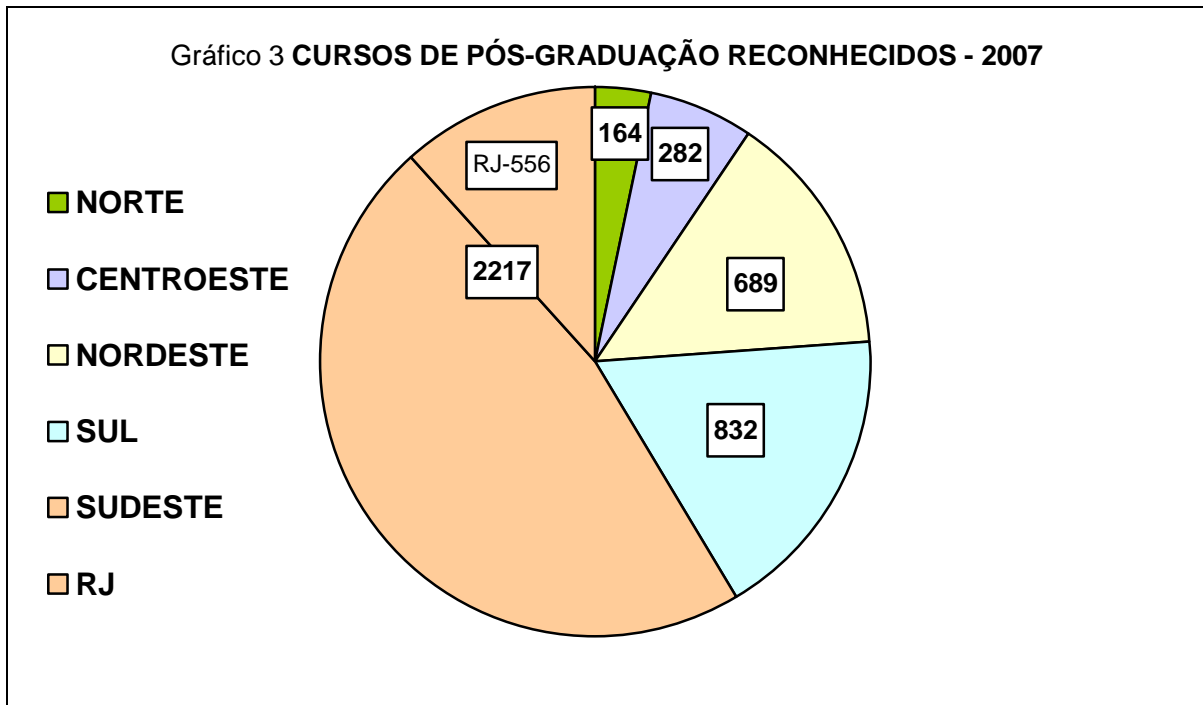
Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos. **Armazém de dados**. Tabela 459. Disponível em: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>; * Ministério das Comunicações. Portal Fust. **Bibliotecas**. Disponível em: <http://portalfust.socinfo.org.br/radiografia.htm>. Acesso em 26 de junho de 2004.

O elevado número de bibliotecas no contexto do estado é indicativo da diversidade de seu público e, certamente, de seus meios. É uma parcela pequena a dos usuários comuns, eventuais ou de comunidades específicas que apresenta grau de instrução elevado (como deve ser o caso dos usuários de bibliotecas de museus ou bibliotecas especializadas). Do mesmo modo, só pequena parcela destas bibliotecas tem a seu dispor equipamentos e recursos tecnológicos de ponta a fim de fornecer certas comodidades de localização, apresentação, serviços e busca de informação e acesso remoto a seus usuários. Portanto, o bibliotecário deve estar apto a compreender a especificidade de públicos e a lidar com diferentes recursos e instrumentos, desde os mais simples aos de última geração, como mediador de informação, como mediador cultural e como agente preservador da cultura e do patrimônio nacionais.

b) No que tange às necessidades de organização documentária e de informação para o ensino e a pesquisa, o estado é privilegiado no país. Existem no Brasil 2810 programas de pós-graduação, abrigando 4087 cursos. No estado do Rio de Janeiro existem 144 IES⁷⁹, além dos núcleos de pesquisa de entidades de classes como a FIRJAN e órgãos do governo, como é o caso do IPEA/INPES, a Fundação Oswaldo Cruz, dentre outros. Estão instalados no estado 556 cursos de pós-graduação em 345 programas, totalizando cerca de 25% de todos os programas

⁷⁹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INEP. Pesquisas educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Censo Superior, 2007**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/>. Acesso em 23 de agosto de 2009.

e cursos de pós-graduação da Região Sudeste⁸⁰. Nestes espaços, bibliotecas especializadas e serviços bibliotecários de auxílio à pesquisa são fundamentais.



Fonte: CAPES

c) O estado tem ampla rede de empresas fornecedoras de serviços, totalizando, em 2006, 83 mil empresas que empregavam um milhão de pessoas, contra 400 mil empregadas no setor industrial em 2007⁸¹. Também é sede de empresas nacionais e internacionais de grande porte, como a Petrobrás, Cia. Vale do Rio Doce, IBM, Ipiranga, Gerdau, Light, Cia. Siderúrgica Nacional, Furnas⁸², dentre outras, que possuem bibliotecas e centros de documentação para fornecer apoio informacional aos negócios destes empreendimentos.

A reformulação curricular exige pensar na diversidade de necessidades que encontramos em contextos do Rio de Janeiro, mercado de trabalho mais imediato de nossos egressos nestes três grandes espaços:

- 1) o de bibliotecas públicas, de museus, os centros culturais e de memória e outras instituições que têm em vista a preservação da memória e do patrimônio, o ensino e o enriquecimento cultural;
- 2) o de bibliotecas especializadas em instituições de ensino superior e institutos de pesquisa;

⁸⁰ CAPES

⁸¹ IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de Serviços e Comércio. Pesquisa Anual de Serviços, 2006; IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação da Indústria. Pesquisa Anual de Empresas, 2007.

⁸² FIRJAN, 2008.

3) o de grandes corporações e empresas que, por seu porte, têm implantado modernos modos de gestão dos processos corporativos, notadamente a chamada gestão de conhecimento.

O que se tem em vista é uma formação básica onde se assentem conhecimentos especializados em direção às necessidades informacionais nestes espaços de trabalho.

Portanto, justifica-se a atual proposta, que tem em vista o aumento nos graus de liberdade do estudante na construção de seu caminho de preparação, o aprofundamento da base humanista que alicerça o uso de técnicas modernas de lidar com a informação; a inclusão de conhecimentos e aspectos que contemplem o atual estágio de necessidades informacionais das instituições, empreendimentos e comunidades nas quais nossos egressos são e serão futuros profissionais.

4 PRINCÍPIOS NORTEADORES E O PERFIL DO BIBLIOTECÁRIO

Os princípios que norteiam este projeto estão assentados em dois grandes pilares: o primeiro diz respeito aos objetivos amplos da educação superior no Brasil e no contexto da UNIRIO, estabelecidos em planos e projetos que se estruturaram a partir do diagnóstico da educação e das metas da educação em benefício da sociedade; o segundo diz respeito às bases teóricas e metodológicas da Biblioteconomia, tanto em sua tradição como em suas aquisições mais recentes nas relações com outros campos da informação. Neste sentido, estes princípios devem estar conjugados a fim de formarmos um profissional competente e comprometido com as necessidades e anseios de uma sociedade brasileira democrática e justa.

4.1 Princípios Educacionais

Em 2001 o MEC propôs que o currículo mínimo fosse substituído pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), fazendo com que todos os cursos superiores no Brasil trabalhem no sentido de apontar um rumo, uma orientação para a elaboração do perfil, competência, conteúdos e outros pressupostos na construção de seus currículos plenos e outras sugestões que partiram das Instituições de Ensino. Os resultados foram enviados posteriormente às Comissões de Especialistas que elaboraram um documento final.

O documento que a Escola de Biblioteconomia preparou e encaminhou a então PROEG foi o resultado de um trabalho de pesquisa junto à literatura específica, dos Encontros promovidos pela ABEBD para a harmonização curricular dos cursos de Biblioteconomia nos países do MERCOSUL e uma análise feita junto a outros cursos de suas reformulações

curriculares mais recentes. A elaboração das Diretrizes Curriculares é feita quando a Escola de Biblioteconomia já tem em curso um trabalho acerca da reformulação do novo currículo.

As Diretrizes curriculares propostas estão muito próximas de uma educação de base humanista que a UNIRIO elegeu. Visa assegurar que a formação profissional se efetive não só pelo conhecimento atualizado da área de Biblioteconomia e de seus instrumentos de trabalho, mas, *prima facie*, pela compreensão da natureza bio-psíquico-social do homem, do ambiente natural e cultural de sua preservação, na perspectiva do aprimoramento do ser humano. Qual seja, formar um profissional comprometido com a melhoria da qualidade de vida da sociedade, entendendo o Homem como um todo⁸³.

Um projeto pedagógico que atenda à formação do Bibliotecário deve ser trabalhado por professores, alunos e tendo em vista as características e necessidades do contexto social e as oportunidades do mercado de trabalho. Não é meramente um conjunto de disciplinas, mas componentes curriculares que devem ser flexíveis para acompanhar as forças sociais e suas respectivas mudanças, diminuindo a quantidade de pré-requisitos, a carga horária das disciplinas obrigatórias e aumentando as disciplinas optativas, de sorte a possibilitar ao educando traçar seu caminho, conforme seus talentos e as oportunidades que estão abertas⁸⁴.

As formas de aprendizagem não devem ser feitas somente da forma tradicional (transmissão de conhecimento), mas devem privilegiar o apoio à pesquisa, o uso de laboratórios, programas de *trainée*, a cooperação interinstitucional nacional e internacional, estágios, atividades complementares, a pesquisa e a extensão promovendo assim, o estímulo à produção de conhecimento.

No que tange à avaliação do processo ensino-aprendizagem, por se pretender um currículo dinâmico, essa avaliação deve possibilitar um planejamento diversificado, para atender às diferenças da natureza do conhecimento dos conteúdos dos componentes curriculares que serão trabalhados.

Os recursos e a infra-estrutura necessários à implantação e implementação do projeto pedagógico foram especificados no Plano de Metas 1998-2002⁸⁵ encaminhado à Reitoria e no Plano de Desenvolvimento Institucional 2006-2010 da UNIRIO. Nesses documentos foram solicitados o aumento do número de professores; a capacitação de nossos docentes através da liberação para Cursos de Mestrado e Doutorado; incentivo à pesquisa e a sua publicação; acesso à Internet; laboratórios de ensino equipados para atender às disciplinas práticas;

⁸³ UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. Planejamento 1998-2002. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1998. [36 f.]

⁸⁴ CÂMARA, 1981.

⁸⁵ UNIRIO. Centro de Ciências Humanas. Escola de Biblioteconomia/Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos. Plano de Metas 1998-2000.

biblioteca com acervo atualizado e uma adequada variedade de periódicos especializados e de bases de dados.

Baseado nessas características, Guimarães, Bertachini e Vidotti⁸⁶, apontam algumas sugestões no que tange às reformulações curriculares para o ensino de graduação em Biblioteconomia, a saber:

- a) convívio diário com tecnologias de informação, enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional;
- b) preocupação com uma visão gerencial no âmbito da área de informação;
- c) abordagem dos suportes de informação como um todo, desvincilando-se da idéia de informação unicamente bibliográfica;
- d) preocupação (e postura) interdisciplinar onde aportes teórico-metodológicos de áreas de interface como Administração, Arquivística, Diplomática, Lógica, Lingüística, Comunicação, Psicologia, Sociologia e outras concorrem para o desenvolvimento das atividades profissionais.
- e) minimização do número de pré-requisitos entre disciplinas, de modo a garantir maior agilidade às matrizes curriculares;
- f) importância da pesquisa (Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciação Científica, Programas de Educação Tutorial) como elemento para a qualidade do ensino de graduação, permitindo ao educando uma vivência da atividade de investigação em um contexto acadêmico e o desenvolvimento da extensão universitária;
- g) preocupação com a educação continuada, pois o compromisso da Universidade com o educando é perene, ultrapassando os limites da educação formal. Assim, disciplinas optativas bem planejadas, refletindo áreas de excelência de pesquisa do curso, podem se constituir em excelentes instrumentos para atualização de egressos;
- h) preocupação em se dar ao aluno uma visão integrada da estrutura curricular, onde todos os componentes curriculares interdependem e concorrem para o objetivo final.
- i) importância da capacidade científica e pedagógica do docente para a operacionalização da matriz curricular, sendo fundamentais questões como pós-graduação, dedicação integral à docência, pesquisa e extensão e produção científica profícua e regular;
- j) concepção do estágio como um espaço de vivência profissional, onde o educando tem a oportunidade de aplicar os conteúdos veiculados pelo curso em situações concretas. Para tanto, deve o estágio possuir objetivos pedagógicos próprios, com especial ênfase a questões ligadas à atuação profissional (postura ética, movimento associativo, atualização, etc.);

⁸⁶ GUIMARÃES; BERTACHINI; VIDOTTI, 1994.

l) disciplinas obrigatórias voltadas para os conteúdos fundamentais, ficando as disciplinas optativas (objeto de cuidadoso planejamento) como forma para o educando se aprofundar em áreas específicas de seu interesse;

m) importância de as instituições de ensino, enquanto instâncias acadêmicas, envidarem esforços no sentido de atuar junto a comissões, projetos de pesquisa interinstitucionais, eventos, cursos e órgãos científicos, pedagógicos e de classe, em nível nacional e internacional, para garantir a necessária “oxigenação”, a integração e o intercâmbio de informações e, assim, evitar isolacionismos.

Para a construção do projeto pedagógico utilizaram-se como parâmetros o trabalho de pesquisa junto à literatura; a harmonização curricular, segundo as recomendações da ABEBD (Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação); a análise das reformulações curriculares recentes junto aos outros cursos brasileiros, a análise contextual da UNIRIO e da Escola de Biblioteconomia na cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, no país e no mundo, o Plano Nacional de Educação – PNE, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira – LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, da área de Biblioteconomia, o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e o Projeto Pedagógico Institucional – PPI, da UNIRIO .

4.2 Princípios Teórico-Epistemológicos

A função precípua de uma biblioteca, um dos principais *locus* de desdobramento do conhecimento da biblioteconomia, é proporcionar o livre acesso aos registros do conhecimento humano. Isto não se restringe a um caráter organizador que põe ao dispor, antes é uma ação deliberada, intencional, que tem em vista o direito humano à informação, às trocas e à construção de conhecimentos e saberes que melhorem a vida em quaisquer de seus aspectos.

Muitos estudos têm sido realizados no Brasil para viabilizar o desempenho dessa função, a partir do delineamento de perfis de bibliotecários e usuários – pontos focais do estudo da Biblioteconomia. Entretanto, boa parte desses estudos está fundamentada em teorias estrangeiras e em pesquisas sobre indivíduos que, em princípio, representam perfis muito específicos. São bibliotecários graduados em escolas de nível superior de excelência, ou pós-graduados em biblioteconomia, com indiscutível qualificação técnica e domínio de línguas estrangeiras, e que lidam com usuários competentes no uso das bibliotecas e de seus sistemas de organização. A referência a teóricos estrangeiros pode ser justificada pelo estabelecimento das escolas de Biblioteconomia no Brasil a partir do modelo francês, no Rio de Janeiro, e do

modelo norte-americano, em São Paulo, difundindo-se daí tais modelos por todo o território⁸⁷. Esses modelos traziam em si um estereótipo do profissional com formação educacional e cultural afins ao contexto social e disponibilidade tecnológica daqueles países.

Embora tais modelos, proponentes de um escopo para a formação do bacharel em Biblioteconomia, possam e devam ser aproveitados naquilo que sejam apropriados aos contextos do mundo contemporâneo ocidental, certos aspectos devem ser tomados em conta. Os modos e usos da informação, os perfis que hoje caracterizam tanto o aluno ingressante nestes cursos no Brasil como os usuários com os quais terá de lidar, demandam a formulação de um projeto pedagógico que contemple não apenas a capacitação técnica, mas preencha lacunas na formação do ensino médio, capacite-o ao uso de novas tecnologias e o prepare para abordar e compreender as necessidades de comunidades de usuários em diferentes contextos da realidade local e nacional.

Do ponto de vista do lidar com os usuários, a literatura, pelo menos até os anos 1980, limitava seu estudo aos interesses coletivos de grupos servidos **nas** bibliotecas, desconsiderando as características dos grupos a serem servidos **pelos** bibliotecas. As concepções de comunidade e público-alvo foram pouco abordadas, ou analisadas sob enfoque demasiado teórico, longe do universo teórico da Administração – ciência de origem daqueles termos transportados para o universo da Biblioteconomia-, no âmbito da tomada de decisão em unidades de informação.

Isto porque, no trajeto recente da Biblioteconomia, desde a década dos 1970, o desenvolvimento dos estudos de controle e representação documentária redundaram em novas técnicas, metodologias e tecnologias, de sorte que as práticas bibliotecárias passaram a demandar maior especialização técnica. Os serviços de padronização para a organização do conhecimento passaram a ser o seu principal foco, em detrimento daquela função precípua conforme descrevem Merton, Milanese e Carvalho⁸⁸. Assim, o poder conferido pelo domínio técnico-científico do bibliotecário sobre os produtos, serviços e usos da informação/documento que formalizou, o investiu de uma autoridade que acabou sendo imposta ao usuário, que perdeu paulatinamente a própria autonomia na biblioteca, submetido à condição de dependência, pelo desconhecimento das teorias, métodos, técnicas e regras, em constante mutação⁸⁹.

Tal poder encontra consagração em alguns cursos de Graduação, em face do volume de disciplinas e na intensidade de conteúdos voltados para a geração de produtos e serviços,

⁸⁷ OLIVEIRA, 1983, p. 5-6

⁸⁸ MERTON, 1978; MILANESI, 1986; CARVALHO, 1987

⁸⁹ GOODSELL, 1984, p. 49-50

com a desconsideração de sua fundamentação teórica e do foco sobre as comunidades usuários de informação, motivo de existência destes serviços. Esses cursos, marcados pelo caráter impessoal e pela ênfase burocrática, favorecem uma abordagem demasiado instrumentalista da Biblioteconomia, em detrimento de seu comprometimento histórico com a Cultura e a Educação.

A partir do final dos anos 1970, início dos 1980, já se podia encontrar na literatura as primeiras reflexões que proporcionariam "[...] uma reformulação dos modelos conceituais e metodológicos da 'recuperação de informação', deslocando a ênfase do tratamento das fontes de informação e direcionando-os aos usuários"⁹⁰. Desde então, consolidaram-se teorias e métodos voltados ao estudo de necessidades informacionais de usuários e de comunidades a serem servidas pelas bibliotecas⁹¹. Tais estudos, focalizando os usuários como sujeitos cognoscentes, ou as comunidades de práticas e os usos que fazem da informação, tratam de fornecer elementos para traçar políticas de efetivo alcance no atendimento às necessidades, em bibliotecas e outras unidades de informação. Adaptáveis às individualidades ou às comunidades em realidades locais, tais estudos resgatam a função social do fazer bibliotecário. De certo modo, parte da literatura ampla do campo da informação parece mesmo voltar-se àquela função humanista e social preconizada na literatura clássica da Biblioteconomia.

Os valores considerados essenciais ao delineamento do perfil profissional do bibliotecário, recenseados na literatura especializada, constituem salvaguardas internas e externas da responsabilidade profissional, tanto na fundamentação teórica quanto na prestação e fruição de serviços e produtos, pois alicerçam a ética e o decoro profissional.

Para delimitar esses valores, torna-se imprescindível conceituar **biblioteca** e **bibliotecário**.

Biblioteca é uma organização, em espaço físico ou não, o cenário onde são oferecidos os serviços e os produtos da Biblioteconomia, que viabilizam o acesso a informações por uma população geral, especial, especializada ou específica. A biblioteca é, posto isto, um espaço social, de trocas sociais, de transmissão, acesso e construção de cultura e conhecimento.

O termo **bibliotecário**, na sua acepção mais ampla, pode ser aplicado ao bacharel em Biblioteconomia, que se ocupa da ciência das bibliotecas (pesquisa) e/ou da biblioteca (desenvolvimento), propriamente dita⁹². É um agente mediador capacitado a abrir, nas redes sociais locais, espaço aos pensamentos, narrativas, conhecimentos e reflexões registrados dos "distantes", tornando-os mais próximos, sejam estes distantes no espaço ou no tempo.

⁹⁰ GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 28

⁹¹ INGWERSEN, 1992; DERVIN, 2003, 2009; HJORLAND, 2002

⁹² GRAESEL, 1897, p. 144-145

Do ponto de vista dos clássicos como Graesel (1897)⁹³, as qualidades do bibliotecário são em número de três: o amor à ordem, a dedicação ao trabalho e a amabilidade. Quanto ao "amor à ordem", Ebert (1820)⁹⁴ aponta como características inerentes a precisão e a objetividade que, combinadas, configuram-se como **capacidade**, valor ratificado por Smit (1876), Poole e Theophrastus (1889), no século XIX e ratificados por Amarante no século XX⁹⁵. A "dedicação ao trabalho", enfatizada por Crandall (1861) e Winsor (1876), associada à **capacitação**, atribuiria ao bibliotecário, segundo Cotton de Houssayes (1780), valores como **confiança**, **honestidade** e **responsabilidade**. A terceira qualidade, a "amabilidade", é enfatizada, o que lhe atribui grau de maior importância, sob o ponto de vista das relações com o usuário, porque implica em valores como **atenção**, **cooperação** e **comunicação**, identificados por Cotton de Houssayes (1780), Dewey (1876), até os contemporâneos como Placer (1960), Stebbins (1966) e Martin (1976).

Essas variáveis - atenção, capacidade, comunicação, confiança, cooperação, honestidade e responsabilidade-, valores consagrados na literatura clássica⁹⁶, constituem uma tentativa de síntese das expectativas profissionais e enfatizam a necessidade da consideração do ambiente no qual se insere a biblioteca⁹⁷.

Na literatura recente, em um tempo onde o 'informacional' apresenta novas demandas de competência ao homem contemporâneo, Rios destaca inicialmente duas dimensões, "[...] a primeira dizia respeito a um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permitiam a intervenção prática na realidade, e a segunda indicava uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades concretas do contexto social."⁹⁸ Isto não implica, entretanto, numa dicotomia, entendendo-se esta competência como um "saber bem o dever", de modo que o "bem" implica tanto num sentido ético como estético, como outras duas dimensões dialógicas.

Em sua **dimensão política** a Biblioteconomia é o *locus* do estabelecimento de relações e empreendimentos capazes de contribuir para a promoção do desenvolvimento de cidadãos e de comunidades, a partir do acesso à informação, levando-os a participarem "[...] na construção coletiva da sociedade e ao exercício e direitos e deveres"⁹⁹. Por meio de sua **dimensão ética**, promove a integração entre as pessoas, melhorando sua comunicação e instrução, "[...] fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem

⁹³ GRAESEL, 1897, p.145-146

⁹⁴ EBERT, 1820, citado por Graesel, 1897, p.147

⁹⁵ SMITH, 1876; POOLE, 1889; THEOPHRASTUS, 1889; AMARANTE, 1973

⁹⁶ GREEN, 1876; MIDWORTH, 1893

⁹⁷ WELLARD, 1937; FIGUEIREDO, 1983

⁹⁸ RIOS, 2006, p. 86 citado por VITORINO, 2009, p.54

⁹⁹ VITORINO, 2009, p. 56

coletivo" (Idem). Em sua **dimensão estética** promove soluções criativas, porque "[...] a sensibilidade se converte em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa [...]"¹⁰⁰ que percebe necessidades informacionais concretas. E em sua **dimensão técnica** é capaz de colocar ao dispor do bem social um conjunto de instrumentos que permitem identificar, representar e disponibilizar informações.

Tais dimensões só podem criar uma real competência informacional se articuladas, já que a **dimensão técnica** isoladamente torna-se um tecnicismo; a **dimensão estética**, da sensibilidade criativa, isoladamente não constrói em vista de atender às necessidades sociais reais; a **dimensão política**, isoladamente, torna-se puro exercício de poder e a **dimensão ética**, que dá significado ao trabalho biblioteconômico, isoladamente não terá instrumentos eficazes, nem formas criativas e não abrirá caminho às relações sociais. Portanto, não se trata da justaposição de características, mas de dimensões de um único fazer.

Esses valores e dimensões, consagrados nas literaturas clássica e recente, e nas revisões literárias sobre perfis profissionais, com esses e sob outros nomes, mas com as mesmas definições operacionais, constituem o conjunto de valores esperados na "construção" acadêmica de um Bibliotecário. Tais valores podem ser difundidos a partir de um conjunto de componentes curriculares essenciais para a formação do profissional. A base do conhecimento estruturado por esses componentes curriculares só pode estar alicerçada nas Ciências Humanas e Sociais e na aplicação prática daquele conhecimento ao cotidiano da Biblioteca, do Bibliotecário e do Usuário.

Eu quero saber como Deus criou o Universo. Eu não estou interessado neste ou naquele fenômeno, no espectro deste ou daquele elemento. Eu quero conhecer o Seu pensamento, o resto é detalhe¹⁰¹.

Cabe, agora, refletir acerca da produção e da transmissão de conhecimentos biblioteconômicos que devem ser capazes de formar um bibliotecário munido de tais valores.

A BIBLIOTECONOMIA é a ciência que trata da organização dos registros do conhecimento humano, sobretudo o livro, impresso ou eletrônico, bem como dos estudos de seleção, aquisição, tratamento, armazenamento, recuperação e disseminação destes registros de sociedades para sociedades e de geração para geração¹⁰². Esta definição é possível, a partir da reunião de várias ciências e técnicas, algumas mais antigas que a própria Biblioteconomia, como é o caso da **Bibliografia**, aqui definida como a ciência que trata da história, descrição e

¹⁰⁰ VITORINO, 2009, p. 55

¹⁰¹ EINSTEIN, citado por CASTRO, 2002

¹⁰² MIRANDA, M. L. C. de. A Biblioteconomia enquanto ciência: um estudo filosófico e epistemológico. ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 29. Salvador, BA, 2006. Anais... Salvador: UFBA, 2006.

classificação dos livros, considerados como objetos físicos (procura recensear o mundo dos livros na sua totalidade).

A **Bibliognosia** é a ciência dos livros; a **Bibliologia** é a parte teórica da bibliografia, que trata das regras desta ciência (história do livro); a **Bibliometria** é a aplicação da análise estatística à bibliografia geral (macrobibliometria) e a bibliografia especializada (microbibliometria); a **Bibliotecologia** é a ciência que estuda a formação e o funcionamento das bibliotecas (estudo da organização de livros), enquanto a **Bibliotecografia** trata da história e da descrição das bibliotecas; a **Bibliotecnia** é a tecnologia do livro em todos os seus aspectos (utilizados na Bibliotecologia e na Biblioteconomia); a **Biblioterapia** que se preocupa com a seleção e uso de materiais de leitura como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria, auxiliando na solução de problemas por meio da leitura dirigida e a **Bibliofilia** é a arte de colecionar livros publicados em circunstâncias especiais ligadas à sua publicação.

A Biblioteconomia desde seus primórdios, a partir do paradigma conservacionista, se configurou como saber empírico-profissional com vistas a soluções práticas aos problemas que se impuseram ao trabalho de assegurar a conservação e o acesso ao conhecimento registrado em diversos suportes.

Ora, tanto as transformações sociais desde o período dos clássicos, especialmente com o papel da informação no contemporâneo e as disponibilidades tecnológicas atuais, colocaram à Biblioteconomia aspectos para reformulações baseadas não só na prática, mas com a constituição de um "saber" teórico biblioteconômico, produzido em uma constante relação entre transformações sociais, prática e teoria. A constituição deste corpus de conhecimento, sem perder de vista os valores supracitados, tem-se dado em interlocução com as ciências sociais e humanas e com outras ciências e campos que ora também lidam com a informação e o documento. Vamos, portanto, examiná-lo.

O crescente destaque que o fenômeno informacional adquiriu, notadamente após a Segunda Guerra Mundial, fez surgir variados interesse sobre os modos, meios e suportes teóricos e técnicos para a informação e o documento. Isto ampliou o espectro de profissionais e pesquisadores que passaram a lidar com registros e informações. É deste novo lugar da informação que emerge um amplo leque de abordagens e de contribuições em campos como a Informática, as Ciências da Computação, a Sociologia do Conhecimento, a Ciência da Informação, a Economia, a Administração, dentre outros¹⁰³. Estes se aliam, em cooperações e tensões, aos conhecimentos já mais consolidados tanto de práticas profissionais como de ciências que tradicionalmente tinham por objeto ou fenômenos centrais de interesse o documento, a informação e a comunicação, como é o caso da Museologia, da Arquivologia, da

¹⁰³ MACHLUP; MUNSFIELD, 1983

Comunicação Social, da Documentação e da Biblioteconomia. Se a Biblioteconomia já apresentava, pelas próprias características de seus objetos, uma vocação interdisciplinar, a ampliação de interesses e de interessados fez surgir possibilidades de intercâmbios que redundaram em aperfeiçoamentos construtivos. Sem perder de vista suas especificidades neste ambiente tipicamente inter e multidisciplinar, a Biblioteconomia vem lapidando seu objeto de estudo já construído, aproveitando aberturas e interlocuções e incorporando elementos úteis tanto em aspectos teóricos como em suas metodologias.

A abordagem que predominou nos anos 1960 e 1970 nos campos da Ciência da Informação e da Comunicação teve por base a Teoria Matemática da Informação, do engenheiro de telecomunicações Claude Shannon, e a Cibernética de Norbert Wiener (que incorporou a Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Bertalanffy¹⁰⁴), ambas publicadas em 1948, concebendo a informação como um fenômeno físico, passível de mensuração e de controle. Isto abriu caminho à construção de **indicadores informacionais utilizados como formas de mapeamento da produção de conhecimento no âmbito da ciência**. Também abriu aos exames sobre a representação e disseminação da informação, com o estudo das regularidades da informação – leis infométricas -, os estudos de indexação automática e os efeitos, na recuperação, de diferentes modos de indexação. A Biblioteconomia foi, neste período, um dos principais interlocutores na produção destes conhecimentos e, a bem da superação do modelo, os métodos quantitativos, guardadas suas limitações e dependências de exames qualitativos¹⁰⁵, experimentaram consolidação nos campos da informação, sendo hoje também aplicados aos recursos da web - webmetria.

O **desenvolvimento de linguagens documentárias**, marcadamente uma tarefa a que sempre estiveram afeitas a Biblioteconomia e a Documentação, tanto experimentou mudanças decorrentes de demandas sociais por linguagens mais especializadas como sustenta-se hoje em bases resultantes da chamada ‘virada lingüística’ que se deu no âmbito das ciências humanas e sociais. Pode-se dizer que o trabalho interdisciplinar com a Lingüística e a Semiologia, rendeu a consolidação do campo da Lingüística Documentária¹⁰⁶.

O domínio da transmissão física da informação permitiu a formalização dos **processos inteligentes** e a solução de problemas inerentes à **aquisição, processamento e representação da informação em meios não-convencionais**. (lógica formal, lógica probabilística, teoria dos conjuntos, álgebra relacional e teoria dos grafos) está fundamentado na abordagem lógico-matemática.

¹⁰⁴ INTERNATIONAL, 200-?

¹⁰⁵ MARCIAS-CHAPULA, 1998

¹⁰⁶ LARA, 2008; LARA; TÁLAMO, 2007

A abordagem cognitiva¹⁰⁷ permitiu um olhar para a representação do conhecimento e para a recuperação da informação a partir do estudo de padrões relacionais que os indivíduos constituem a partir de suas experiências. A psicologia cognitiva e as chamadas ciências cognitivas oferecem suportes para entender a formação de conceitos, os modos de representação do conhecimento e para a construção de modelos integradores no que tange ao processo de comunicação, na automação de sistemas de recuperação da informação, na **elaboração de modelos interativos e de interfaces amigáveis**.

A base de conhecimentos sobre a informação no âmbito econômico-empresarial (em empresas, indústrias e outras unidades de informação tecnológica e para negócios) está fundada em modelo econômico-empresarial, onde se trabalha a informação com valor agregado. A gestão **da informação, entendida como recurso estratégico** se articula aos estudos da Gestão do Conhecimento e da Inteligência Competitiva¹⁰⁸.

No campo das Ciências Sociais, o pós-estruturalismo renovou os estudos relativos aos textos e discursos e às relações de poder e de mediação. O construtivismo social e a análise do discurso¹⁰⁹ e aos com solo hermenêutico¹¹⁰ no campo da informação, constituem abordagens que têm sido reunidas sob o título de paradigma social, contribuindo para a **análise dos modos de representação da realidade, das necessidades de informação em comunidades e seus efeitos**.

É sobre a base das Ciências Humanas e Sociais, que sustentam uma formação ética e política do fazer bibliotecário que se assentam as atualizações das disciplinas que já há muito compõem o quadro dos saberes biblioteconômicos e aquisições mais recentes como: métodos quantitativos para construção de indicadores informacionais; lingüística documentária; novos métodos de controle de processamentos documentais; técnicas para construção de interfaces e modelos interativos e metodologias para o mapeamento de necessidades de informação.

4.3 Delineando o Perfil Profissional, Habilidades e Competências

Neste projeto pedagógico partimos do princípio que a educação é o elemento chave para bem viver, numa sociedade onde a informação, o conhecimento e a aprendizagem são considerados recursos imprescindíveis. Neste sentido, verifica-se que a educação em Biblioteconomia deve considerar a relação homem/conhecimento, a informação, tanto local como desterritorializada, os conhecimentos e saberes como elementos-chave que definem

¹⁰⁷ BELKIN, 1984; INGWERSEN, 1992; DERVIN, 2003, 2009

¹⁰⁸ VALENTIM, 2008

¹⁰⁹ GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000; FROHMANN, 1994

¹¹⁰ HANSSON, 2005; BUDGE, 2005

diferenciais para os indivíduos nesta sociedade. As questões impostas, mesmo ao homem comum, pelo mercado e pela sociedade como um todo são, em sua maioria, respondidas pelo adequado tratamento e armazenamento da informação. E um tratamento adequado supõe a capacidade de construir conhecimentos, métodos e instrumentos que se constituam a partir das relações entre as dimensões política, ética, estética e técnica da Biblioteconomia.

Desta maneira a Biblioteconomia, bem como a BIBLIOTECA e o LIVRO – *lato sensu*, cumprem com sua FUNÇÃO SOCIAL, tornando acessível o conhecimento e a cultura por seus registros e posterior disseminação e do incentivo ao hábito e desenvolvimento da leitura, contribuindo para a formação do cidadão, daí ser considerada uma das ciências sociais aplicadas.

O Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO tem por objetivo formar profissionais aptos a atuar como agentes engajados nos processos sociais, culturais, educacionais e de democratização da informação; capazes de contribuir para o progresso das pesquisas em ciência e tecnologia para o desenvolvimento social e econômico do país e de dar suporte informacional a empresas e organizações no contexto globalizado.

Para tanto, o aluno deve ser estimulado de modo a **desenvolver determinadas características** ao longo do curso, de maneira que seja:

- Ético;
- Valorizador da cultura, memória e patrimônio nacionais;
- Capacitado a atualizar-se;
- Desejoso em ampliar sua cultura geral;
- Investigador, Criativo e Inovador;
- Orientado às necessidades da comunidade onde estiver inserido;
- Capaz de trabalhar em perspectivas multi e interdisciplinares;

Os componentes curriculares devem capacitá-lo a:

- Entender as relações sociais e mapear as necessidades das comunidades na qual esteja inserida a unidade de informação onde trabalhe;
- Gerar produtos que atendam às necessidades diferenciadas destas comunidades, seus sub-grupos ou usuários individuais;
- Planejar, executar e avaliar atividades inerentes à implantação, gerência e desenvolvimento de unidades de informação.
- Capaz de selecionar e de elaborar instrumentos para organização e disponibilização de informações adequados à realidade e às necessidades das comunidades com as quais trabalha;

- Realizar seu trabalho com a disponibilidade tecnológica que disponha, seja ela qual for; Tomar decisões quanto à adequação dos avanços na tecnologia da informação à realidade bibliotecária nacional, adaptando novas tendências às particularidades e necessidades próprias de nosso país e continente.
- Manejar eficientemente as metodologias e técnicas das diferentes áreas da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.
- Integrar grupos interdisciplinares no desenvolvimento de projetos de informação a nível institucional, nacional e internacional.
- Conhecer e compreender os fundamentos filosóficos e sociológicos da profissão.
- Realizar trabalhos cooperativos com outras bibliotecas ou unidades de informação;
- Prestar assessoria, consultoria e emitir laudos e pareceres técnicos;
- Estruturar programas que provenham competência informacional à comunidade e usuários no sentido de: pesquisa, coleta, avaliação e organização de informações, assim como meios para disponibilizarem suas produções.

O que se tem em vista é "conjuguar o verbo" da formação em biblioteconomia nos tempos de suas dimensões: técnica, política, ética, estética, onde os componentes curriculares se articulam ao longo do percurso "*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*"¹¹¹

5 ESTRUTURA CURRICULAR PROPOSTA

O curso de bacharelado, assim como todo o curso de universidades federais brasileiras, se sustenta no tripé **ensino-pesquisa-extensão**.

O **ensino** tem em vista o domínio dos códigos da modernidade e às ferramentas necessárias para viver e conviver em sociedades de informação/conhecimento por meio dos instrumentos básicos de aprendizagem: as competências lingüísticas e as competências cognitivas.

As competências lingüísticas visam à capacidade e habilidade de comunicação ou de expressão escrita e oral e as competências cognitivas a capacidade e a habilidade para pensar e aprender, aplicar e recuperar o que foi aprendido, continuar aprendendo, tomar decisões, resolver problemas e lidar com o novo.

¹¹¹ "De acordo com o relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI □ UNESCO/1999 □, a educação precisa ser concebida a partir de quatro pilares: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*, indicando que a função de uma instituição de ensino, em qualquer uma das suas modalidades, deve estar voltada à realização plena do ser humano". (UNIRIO. Projeto Pedagógico Institucional, 2006)

Neste sentido os conteúdos básicos da aprendizagem dizem respeito às competências que envolvem o conhecimento científico, para que se trabalhe com os alunos os conteúdos teórico-metodológicos, técnicos, tecnológicos e práticos necessários à ação profissional bibliotecária e as competências sociais para o desenvolvimento dos valores e atitudes.

A pesquisa é considerada uma atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem e como capacidade de questionamento que não admite resultados definitivos, estabelecendo a provisoriedade metódica como fonte principal de renovação científica, pois é mais do que descoberta da realidade é um diálogo inteligente com a realidade.

A extensão é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Este é o lugar primeiro em que o bibliotecário pode experimentar o compromisso de seu saber com a sociedade.

5.1 COMPONENTES CURRICULARES

O curso de bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO possui como componentes curriculares as disciplinas obrigatórias e as optativas dentro de cada linha e optativas dentro de cada eixo curricular, os estágios supervisionados, o trabalho de conclusão de curso e as atividades complementares.

5.1.1 Disciplinas, Linhas e Eixos Curriculares

O currículo está organizado em conjuntos de disciplinas obrigatórias e optativas. As disciplinas obrigatórias são componentes curriculares nucleares do âmbito da Biblioteconomia nacional e internacional que tratam do fornecimento basilar dos campos das ciências sociais e humanas, para compreensão cultural e bio-psico-social; de disciplinas teóricas e técnicas, próprias da Biblioteconomia e de disciplinas instrumentais, que servem de auxílio às aplicações metodológicas.

As disciplinas optativas são componentes curriculares que definem conhecimentos adequados ao desempenho profissional em eixos curriculares, que encaminham saberes especializados para determinados espaços de realização da atividade biblioteconômica. Para tanto, oferecem-se três conjuntos, cada qual com 6 disciplinas optativas que compõem, cada qual, um corpo de especialização, além de três optativas, de livre escolha, permitindo que o próprio aluno seja sujeito do processo ensino/aprendizagem ao escolher disciplinas que

permitam o seu desenvolvimento humano e profissional, caracterizando assim a flexibilização curricular.

A partir das características do profissional da informação propostas pela ABEBD, consideramos a construção da matriz curricular para a formação deste profissional na UNIRIO em duas perspectivas: a de três **LINHAS** curriculares, de caráter transversal, que apontam aos três conjuntos de saberes necessários à formação do bacharel em Biblioteconomia e que perpassam todo o curso; e a de três **EIXOS** Curriculares, de caráter focal, compreendendo um corpus de saber biblioteconômico especializado, que se realiza teórica e tecnicamente em determinados domínios de aplicação tipificados no país e, especialmente, no estado do Rio de Janeiro. Cada domínio de aplicação compreende um conjunto de espaços cujas finalidades definem as necessidades de formação dos profissionais que neles estão envolvidos, de maneira a desenvolver suas habilidades e competências. Portanto, os eixos permitem uma relação mais direta com os exercícios nestes espaços a partir dos estágios curriculares supervisionados e o aprofundamento pessoal do estudante nos conhecimentos ali necessários em seu Trabalho de Conclusão de Curso e na escolha de Atividades Complementares.

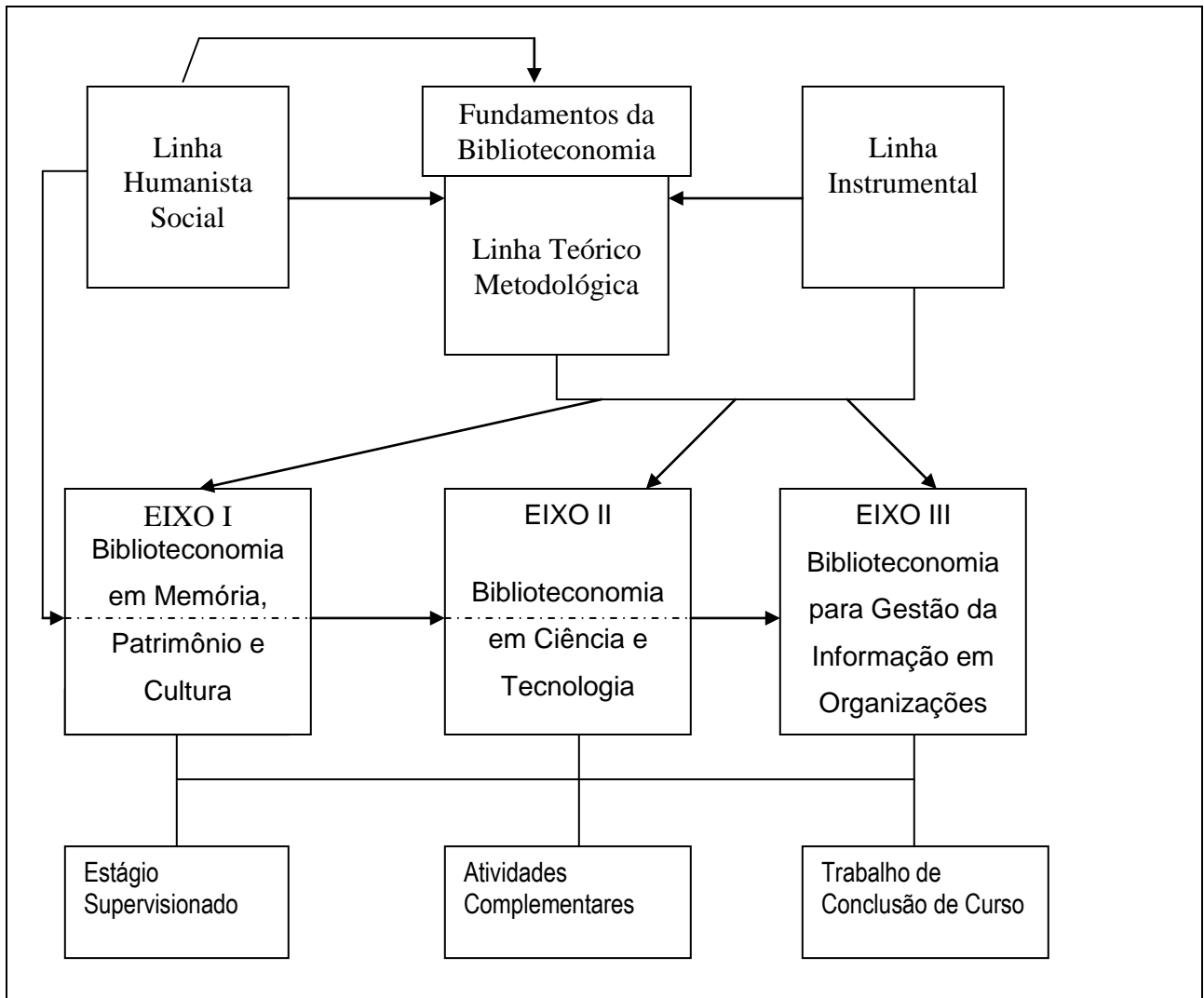


Figura 1 : Representação dos Grupos de Componentes Curriculares e Suas Relações

LINHAS CURRICULARES

Linha Teórico-Metodológica: constituída por disciplinas formativas, que apresentam os princípios da área, suas teorias, métodos e técnicas e que compõem o saber próprio do bibliotecário. O que se tem em vista é um conjunto de conhecimentos que capacite o bibliotecário a compreender as necessidades informacionais da comunidade usuária de sua unidade de informação, a utilizar os instrumentos de tratamento documentário disponíveis e a desenvolver produtos informativos, tanto no âmbito geral como no especializado. Disciplinas da Linha Teórico-Metodológica

- Análise da Informação
- Estudos Usuários e Comunidades
- Ética Profissional
- Fontes de Informação Especializadas
- Fontes de Informação Gerais
- Formação e Desenvolvimento de Coleções
- Fundamentos da Bibliografia e da Documentação
- Fundamentos da Biblioteconomia
- Gestão da Informação e do Conhecimento
- História do Livro e das Bibliotecas I
- História do Livro e das Bibliotecas II
- Informação Memória e Documento
- Normalização Documentária
- Organização e Administração de Bibliotecas I
- Organização e Administração de Bibliotecas II
- Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias
- Organização do Conhecimento I
- Organização do Conhecimento II
- Políticas de Preservação do Patrimônio Bibliográfico
- Representação Descritiva I
- Representação Descritiva II
- Representação Descritiva III
- Sistemas de Org. do Conhecimento I
- Sistemas de Org. do Conhecimento II
- Técnicas de Recuperação e Disseminação de Informação
- Teoria e Prática do Serviço de Referência

Linha Humanista-Social: constituída por disciplinas de áreas conexas no campo de ciências humanas e sociais, seus fundamentos e teorias e que são o plano de base, a partir de onde se assentam o saber e as atividades da Biblioteconomia. Disciplinas da Linha Humanista-Social

- Administração I
- Comunicação
- Comunicação Científica
- Teoria do Conhecimento
- História do Brasil III
- História e Bibliografia Literárias I
- História e Bibliografia Literárias II
- Introdução às Ciências Sociais
- Introdução à Ciência da Informação
- Introdução à Psicologia
- Lógica
- Sentido e Forma da Produção Artística
- Teoria do Conhecimento

Linha Instrumental: constituída por disciplinas que servem de apoio ao desenvolvimento de conteúdos e à aplicação prática dos conhecimentos apresentados nas disciplinas dos eixos Teórico-Methodológico e Humanístico. Disciplinas da Linha Instrumental:

- Estatística Aplicada às Ciências Humanas e Sociais
- Fundamentos de Inglês Instrumental
- Leitura e Interpretação em Língua Inglesa
- Metodologia da Pesquisa Científica
- Redes e Sistemas de Informação
- Seminários
- Tecnologias de Informação e Processos de Automação
- Tecnologias de Produção e Armazenamento de Documentos
- Teorias e Práticas Discursivas
- Teorias e Práticas Discursivas na Esfera Acadêmica

EIXOS CURRICULARES

A composição dos eixos curriculares está assentada no mapeamento das necessidades de importantes espaços de trabalho no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro, estabelecendo algum nível de saber especializado.

Eixo I: Biblioteconomia em Memória, Patrimônio e Cultura

Corpus de conhecimento para o desenvolvimento de atividades biblioteconômicas no âmbito das instituições de memória e cultura visando à educação, referentes à organização, tratamento e gestão de registros do conhecimento e sua disseminação para a sociedade, bem como para a preservação da memória, do patrimônio e da cultura locais e nacionais.

Domínio de aplicação: Bibliotecas Nacionais, Estaduais e Municipais, Escolares e bibliotecas cujo objetivo seja o suporte ao estudante e os demais cidadãos para fins de complemento de formação, lazer, socialização etc. Centros de memória, bibliotecas de arquivos, bibliotecas de museus gerais e de outras instituições cujo enfoque seja a reunião de acervos sobre um dado tema, fato ou personagem e que a finalidade seja a preservação e divulgação de conhecimento gerado sobre o ponto focal.

Disciplinas do Eixo I

- História e Bibliografia Literárias I
- História e Bibliografia Literárias II
- Informação, Memória e Documento
- Tecnologias de Reprodução e Armazenamento de Documentos
- Sentido e Forma da Produção Artística I
- Políticas de Preservação do Patrimônio Bibliográfico

Eixo II: Biblioteconomia em Ciência e Tecnologia

Corpus de conhecimento para o desenvolvimento de atividades biblioteconômicas no âmbito das unidades de informação especializadas no conhecimento técnico, científico, tecnológico, para a inovação e em vista do desenvolvimento de instituições científicas, acadêmicas e industriais.

Domínio de aplicação: Bibliotecas especializadas, especiais e universitárias, incluindo-se aí as de pós-graduações, bibliotecas de institutos de pesquisa, empresariais da indústria e dos serviços que envolvam pesquisa científica e tecnológica; bibliotecas de museus de ciência, centros de documentação e demais unidades de informação cujo enfoque seja, em alguma medida, C&T.

Disciplinas do Eixo II

- Análise da Informação
- Comunicação
- Comunicação Científica
- Filosofia da Ciência e da Tecnologia
- Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias
- Técnicas de Recuperação e Disseminação da Informação

Eixo III: Biblioteconomia para Gestão da Informação em Organizações

Corpus de conhecimento para o desenvolvimento de atividades de gestão biblioteconômica no âmbito das unidades de informação de organizações com foco no tratamento da informação e na organização e gestão do conhecimento para corporações produtoras de bens e serviços.

Domínio de aplicação: Bibliotecas empresariais e de suporte à atividade comercial, industrial e de serviços da instituição, cujo enfoque seja a gestão da inteligência e do conhecimento e sua consolidação nas organizações.

Disciplinas do Eixo III

- Análise da Informação
- Biblioteconomia Digital
- Gestão Estratégica da Informação e do Conhecimento
- Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias
- Redes e Sistemas de Informação
- Técnicas de Recuperação e Disseminação da Informação

5.1.2 Estágios Curriculares

Por definição entende-se como estágio curricular, o procedimento pelo qual o estudante vivencia situações reais de vida e de trabalho, atuando em sua área específica junto à instituição de direito público e privado ou na comunidade em geral. Além de fazer integrar os componentes curriculares do curso de bacharelado em Biblioteconomia, os estágios com 60h (3º. Período), 60h (5º. Período), 90h (7º. ou 8º.Período), e 90h (8º. ou 9º.Período), proporcionam oportunidades de treinamento ao longo do curso integrando teoria e prática.

Os estágios são desenvolvidos em diversos tipos de unidades de informação: bibliotecas (escolares, especializadas, especiais, infantis, universitárias, públicas, virtuais, etc.), centros de documentação, de memória e de informação, organizações, centros culturais e populares. É ali que o aluno pode experimentar na prática com o outro os conhecimentos aprendidos no curso. É ali que o esforço para fornecer ao aluno uma visão articulada dos componentes curriculares do curso se realiza concretamente. Os estágios são planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com o currículo, programas e calendário universitários. A avaliação tem aí dois sentidos: o primeiro de verificar sua conveniência aos nossos estudantes, evitando que se tornem mão-de-obra barata e, segundo, permitir a reflexão da adequação do currículo ao contexto de aplicação dos conhecimentos de Biblioteconomia.

5.1.3 Trabalho de Conclusão de Curso

No último semestre do curso o aluno deverá apresentar um trabalho final de curso aqui denominado Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, fruto da investigação de um assunto

relativo à Biblioteconomia, utilizando metodologia de pesquisa sob orientação de um docente identificado com o assunto em questão. O TCC se constitui em um dos requisitos para a integralização do curso e obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

O TCC é um instrumento para iniciação à pesquisa, desenvolvendo a capacidade de planejamento, de busca e relação de dados e textos, de leitura sistemática e de preparação de relatório com resultados.

A estrutura curricular tem em vista também preparar o aluno para, ao longo do curso, desenvolver senso crítico e investigativo, que lhe favorecerá em seu TCC e em sua vida profissional. Se as disciplinas teóricas, instrumentais e metodológicas preparam o aluno para realizar seu trabalho de conclusão, é no exame dos aspectos do dia a dia do trabalho bibliotecário que se apontam os lugares da investigação. O que se pretende é capacitar o aluno a perceber nos pequenos ou grandes entraves, nos bons e maus funcionamentos das unidades de informação, nas lacunas ou demandas aparentemente não atendidas, dentre outros, o campo de exame e aplicação dos conhecimentos aprendidos nos componentes curriculares do curso e que podem originar novos serviços, sugestões de melhoria, apresentação de novos aspectos. Os componentes curriculares, ao longo do curso, deverão convidar o aluno para fazer o constante percurso prática - teoria – prática, base da construção e da aplicação de conhecimentos.

5.1.4 Atividades Complementares

São as atividades que agregam conhecimentos e experiências para a formação do aluno, estimulando-o à prática de estudos independentes, à interdisciplinaridade e ao reconhecimento da importância da permanente atualização profissional, inclusive aquelas fora da universidade.

Assim, privilegiam-se os estudos que possam ampliar as relações ou aplicações do conhecimento de Biblioteconomia com outras áreas de conhecimento, num estímulo interdisciplinar; o aprofundamento do conhecimento em temas ou subáreas da Biblioteconomia; a realização de trabalhos de pesquisa e de sistematização, que fornecem os métodos para continuar a aprender e estimulem estudos avançados na pós-graduação; o envolvimento com projetos que realizem elos entre o conhecimento e as necessidades sociais.

5.1.5 Modalidade Semi-presencial

O Curso poderá ofertar até 20% da sua carga horária total na modalidade semi-presencial., conforme Portaria MEC no. 4.059, de 10 de dezembro de 2004.

5. 1.6 Componentes Curriculares Por Período Recomendado

O curso de bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO é oferecido em dois turnos escolhido pelo estudante quando do processo seletivo.

CÓDIGO SIE	Componentes Curriculares	TIPO 1 obrigatória 2 optativa 2-I opt. eixo I 2-II opt. eixo II 2-III opt. eixo III	Carga Horária
------------	--------------------------	--	---------------

DIURNO

PRIMEIRO PERÍODO

HEB0056	FUNDAMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA	1	60h
HTD0049	FUNDAMENTOS DE INGLÊS INSTRUMENTAL	1	60h
HEA0102	INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS	1	60h
HFE0040	INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA	1	60h
HFC0023	LÓGICA	1	60h
HHI0029	HISTÓRIA DO BRASIL III	1	60h
HTD0059	TEORIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS	1	60h

SEGUNDO PERÍODO

HEB0055	FUNDAMENTOS DA BIBLIOGRAFIA E DA DOCUMENTAÇÃO	1	60h
HTD0050	LEITURA E INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA	1	60h
HEB0073	NORMALIZAÇÃO DOCUMENTÁRIA	1	60h
HFC0027	TEORIA DO CONHECIMENTO	1	60h
HEB0095	HISTÓRIA DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS I	1	60h
HTD0046	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	60h

TERCEIRO PERÍODO

HEB0025	TEORIA E PRÁTICA DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA	1	60h
HEB0069	ESTUDO DE USUÁRIOS E DE COMUNIDADES	1	60h
HTD0058	TEORIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ESFERA ACADÊMICA	1	60h
HEB0016	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO I	1	60h
HEB0084	HISTÓRIA DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS II	1	60h
HEB0013	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA I	1	60h
HEB0091	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	3	60h

QUARTO PERÍODO

HFC0048	ADMINISTRAÇÃO I	1	60h
HTD0009	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E PROCESSOS DE AUTOMAÇÃO	1	60h
HEB0096	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO I	1	75h
HEB0017	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO II	1	60h
HEB0014	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA II	1	60h
HTD0054	INFORMAÇÃO MEMÓRIA E DOCUMENTO	2 -I	60h
HFC0008	COMUNICAÇÃO	2-II	60h
HTD0031	TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO	2- III	60h

QUINTO PERÍODO

HEB0088	ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE BIBLIOTECAS I	1	60h
HEB0085	FONTES DE INFORMAÇÃO GERAIS	1	60h
HEB0086	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO II	1	60h
HEB0077	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA III	1	60h
HFC0010	HISTÓRIA E BIBLIOGRAFIA LIETERÁRIAS I	2 - I	60h
HEB0083	COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	2 - II	60h
HTD0035	ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	2 - III	60h
HEB0091	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	3	60h
	OPTATIVA	2	60h
AC	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	

SEXTO PERÍODO

HEB0089	ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRASÇÃO DE BIBLIOTECAS II	1	60h
HEB0087	FONTES DE INFORMAÇÃO ESPECIALIZADAS	1	75h
TME0018	ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	1	45h
HEB0018	FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES	1	60h
HEB0055	TECNOLOGIAS DE REPROUÇÃO E ARMAZEAMENTO DE DOCUMENTOS	2-I	60h
HFC0011	HISTÓRIA E BIBLIOGRAFIAS LITERÁRIAS I I	2 - I	60h
HFC0093	FILOSOFIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA	2 - II	60h
HTD0035	ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	2 - II	60h
HTD0004	REDES E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	2-III	60h
HTD0017	ORGANIZAÇÃO DE CONCEITOS EM LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS	2 III	60h

SÉTIMO PERÍODO

HEB0090	MÉTODOLOGIA DA PESQUISA EM BIBLIOTECONOMIA	1	60h
HEB0070	ÉTICA PROFISSIONAL	1	30h
HEM0021	SENTIDO E FORMA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA I	2 - I	60h
HTD0017	ORGANIZAÇÃO DE CONCEITOS EM LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS	2- II	60h
HEB0075	GESTÃO ESTRATÉGICA DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO	2-III	60h
	OPTATIVA	2	60h
HEB0093	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	3	90h
AC	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	

OITAVO PERÍODO

HEB0074	POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO	2 - I	60h
HTD0031	TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO	2 - II	60h
HEB0017	BIBLIOTECONOMIA DIGITAL	2-III	60h
	OPTATIVA	2	60h
HEB0094	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	3	90h
AC	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	
HEB0080	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	5	30h

Tipos de Componentes Curriculares: 1 – Disciplina Obrigatória; 2 – Disciplina Optativa; 3 – Estágio; 4 – Atividade Complementar; 5- Trabalho de Conclusão de Curso

NOTURNO**PRIMEIRO PERÍODO**

HEB0056	FUNDAMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA	1	60h
HTD0049	FUNDAMENTOS DE INGLÊS INSTRUMENTAL	1	60h
HFC0023	LÓGICA	1	60h
HHI0029	HISTÓRIA DO BRASIL III	1	60h
HTD0059	TEORIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS	1	60h

SEGUNDO PERÍODO

HEB0055	FUNDAMENTOS DA BIBLIOGRAFIA E DA DOCUMENTAÇÃO	1	60h
---------	---	---	-----

HFC0066	INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS	1	60h
HFE0040	INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA	1	60h
HFC0027	TEORIA DO CONHECIMENTO	1	60h
HTD0050	LEITURA E INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA	1	60h

TERCEIRO PERÍODO

HTD0046	INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	1	60h
HEB0073	NORMALIZAÇÃO DOCUMENTÁRIA	1	60h
HEB0095	HISTÓRIA DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS I	1	60h
HEB0016	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO I	1	60h
HEB0013	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA I	1	60h
HEB0091	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	3	60h

QUARTO PERÍODO

HEB0069	ESTUDO DE USUÁRIOS E DE COMUNIDADES	1	60h
HEB0025	TEORIA E PRÁTICA DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA	1	60h
HEB0084	HISTÓRIA DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS II	1	60h
HEB0017	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO II	1	60h
HEB0014	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA II	1	60h

QUINTO PERÍODO

HTD0009	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E PROCESSOS DE AUTOMAÇÃO	1	60h
HTD0059	TEORIAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS NA ESFERA ACADÊMICA	1	60h
HEB0096	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO I	1	75h
HEB0077	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA III	1	60h
HTD0054	INFORMAÇÃO MEMÓRIA E DOCUMENTO	2 - I	60h
HTD0031	TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO	2 -II	60h
HTD0031	TÉCNICAS DE RECUPERAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO	2 -III	60h
HEB0092	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	3	60h
	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	

SEXTO PERÍODO

HFC0048	ADMINISTRAÇÃO I	1	60h
HEB0085	FONTES DE INFORMAÇÃO GERAIS	1	60h
HEB0086	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO II	1	75h
HFC0010	HISTÓRIA E BIBLIOGRAFIA LITERÁRIAS I	2 - I	60h
HEB0055	TECNOLOGIAS DE REPRODUÇÃO E ARMAZENAMENTO DE DOCUMENTOS	2 - I	60h
HFC0008	COMUNICAÇÃO	2 - II	60h
HFC0093	FILOSOFIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA	2 - II	60h
HEB0051	BIBLIOTECONOMIA DIGITAL	2 - III	60h
HTD0035	ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	2 - III	60h

SÉTIMO PERÍODO

HEB0088	ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE BIBLIOTECAS I	1	60h
HEB0087	FONTES DE INFORMAÇÃO ESPECIALIZADAS	1	60h
HEB0018	FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES	1	60h
TME0018	ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	1	45h
HFC0011	HISTÓRIA E BIBLIOGRAFIAS LITERÁRIAS II	2 - I	60h
HEB0083	COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	2 - II	60h
HEB0075	GESTÃO ESTRATÉGICA DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO	2 - III	60h
AC	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	

OITAVO PERÍODO

HEB0089	ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE BIBLIOTECAS II	1	60h
HEB0090	METODOLOGIA DA PESQUISA EM BIBLIOTECONOMIA	1	60h
HEM0021	SENTIDO E FORMA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA	2 - I	60h
HTD0035	ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	2 - II	60h
HTD0017	ORGANIZAÇÃO DE CONCEITOS EM LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS	2 - III	60h

	OPTATIVA	2	60h
AC	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4	
HEB93	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	3	90h
NONO PERÍODO			
HEB0070	ÉTICA PROFISSIONAL	1	30h
HEB0074	POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS	2 - I	60h
HTD0017	ORGANIZAÇÃO DE CONCEITOS EM LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS	2 - II	60h
HTD0004	REDES E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	2- III	60h
	OPTATIVA	2	60h
	OPTATIVA	2	60h
HEB0094	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	3	90h
HEB0080	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	5	30h

Tipos de Componentes Curriculares: 1 – Disciplina Obrigatória; 2 – Disciplina Optativa; 3 – Estágio; 4 – Atividade Complementar; 5- Trabalho de Conclusão de Curso

As disciplinas com o nome de optativa poderão ser as dos dois outros eixos. Observe-se que o aluno poderá concluir outro eixo nos quatro anos de duração do curso. Também poderá optar por aprofundar os conhecimentos do eixo escolhido com disciplinas oferecidas pelos departamentos do CCH. A lista com as disciplinas oferecidas como optativas encontra-se no Apêndice A.

5.1.7 Carga Horária Total: 3.095 horas

5.1.8 Número de Créditos: 138

5.1.9 Prazo Para Integralização: Mínimo de 8 e máximo de 14 períodos (Manhã)
Mínimo de 9 e máximo de 15 períodos (Noite)

5.1.10 Número de Vagas Oferecidas: 200 vagas anuais
50 por semestre no Turno da Manhã – 100
50 por semestre no Turno da Noite – 100

5.1.11 Turnos: Manhã e Noite

5.1.12 Formas de Ingresso

Sistema de Seleção Unificada – A UNIRIO adota o aproveitamento dos resultados do Novo ENEM em fase única, mediante processo seletivo estabelecido pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação.

Transferência *ex officio* –

Transferência Interna –

Transferência Externa –

Reingresso –

Revinculação – Resolução 3.211/2009 de 29 de outubro de 2009

PEC-G –

5.2 Núcleo Docente Estruturante

Do corpo de docentes da Escola de Biblioteconomia, 12 professores compõem o núcleo de docentes estruturantes – NDE, responsável por acompanhar, avaliar e fazer sugestões no decorrer da implementação e desenrolar do projeto pedagógico. São eles:

Prof. Adjunto Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, MSc – DEPB – 20h
 Prof. Adjunto Elisa Campos Machado, DSc – DEPB – DE
 Prof. Adjunto Geni Chaves Fernandes, DSc – DPTD – DE
 Prof. Associado Icléia Thiesen, DSc – DH – DE
 Prof. Associado Josaida de Oliveira Gondar, DSc – DFCS – 40h
 Prof. Adjunto Leila Beatriz Ribeiro, DSc – DPTD – DE
 Prof. Adjunto Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, DSc – DEPB – DE (Sistematizador)
 Prof. Adjunto Maria Teresa Wiltgen Tavares da Costa Fontoura, MSc – DEPB – DE
 Prof. Adjunto Maristela Botelho França, DSc – DPTD – DE
 Prof. Adjunto Sandra Albernaz de Medeiros, DSc – DFE – DE
 Prof. Adjunto Simone da Rocha Weitzel, DSc – DEPB – DE
 Prof. Associado Vera Lúcia Doyle Louzada de Matos Dodebei, DSc – DPTD – DE

A totalidade dos docentes do curso, com resumo de seus currículos, encontra-se no Apêndice G.

6 METODOS E PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto pedagógico deve constituir-se em um processo em vista do exame contínuo¹¹² do cumprimento dos objetivos lançados pelo projeto. Por outro lado, a avaliação deve ser capaz de detecção de aspectos específicos que mereçam correções, adaptações ou maiores esforços.

Os instrumentos de avaliação devem ser suficientemente amplos, compreendendo os diversos aspectos propostos pelo projeto e, ao mesmo tempo, ser de operacionalização simples, evitando o dispêndio de excessos de esforços e energias que precisam estar voltados à realização do curso.

Para tanto devem ser construídos três instrumentos com metodologias quantitativa e qualitativa combinadas:

1) Questionário de avaliação da estrutura, das oportunidades oferecidas em atividades extra-classe, das disciplinas e do desempenho docente. O questionário deve ser disponibilizado, via Internet, ao final de cada semestre, de modo a se ter um panorama das disciplinas do ponto de vista dos estudantes;

¹¹² ABECIN, 2002

2) Questionário de avaliação da adequação dos conhecimentos proporcionados pelo curso às tarefas desempenhadas nos estágios curriculares. O questionário deverá ser preenchido ao final de cada estágio, pela Internet, de modo a que se possam checar a efetividade do projeto e as lacunas que devem ser atendidas.

3) Reunião semestral dos docentes e discentes das disciplinas relacionadas por afinidade e por eixo para avaliação da articulação das disciplinas e demais componente curriculares. As reuniões devem ser conduzidas por um responsável escolhido pelo Diretor da Escola, buscando checar a articulação realizada e aprofundar as possibilidades de "diálogo" entre as disciplinas. Deve-se ter em conta que a organização curricular, com disciplinas distribuídas em conjuntos de horas e em períodos letivos, nem sempre favorece ao entendimento do processo biblioteconômico como um todo. Portanto, as reuniões devem servir para proporcionar os meios e as estratégias onde os diálogos e relações entre diferentes aspectos possam ser apresentados como componente do processo mais amplo.

7 DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DE ENSINO À DISTÂNCIA

7.1 Estrutura do Projeto de EAD

O modelo a ser empregado pela Escola na elaboração do projeto de EAD do curso constitui-se do projeto político-pedagógico acrescido das especificidades de EAD, dentre as quais:

- a) Número de vagas que serão oferecidas, quantitativo e nomes dos pólos que serão contemplados, percentual e especificação de disciplinas que serão ministradas presencialmente, definição da modalidade curso oferecida – totalmente a distância, semi-presencial, híbrida com 20% das disciplinas oferecidas a distância, local de funcionamento da coordenação do curso a distância;
- b) planilha orçamentária com custos relativos a equipamentos/materiais de consumo (computadores, impressoras, cartuchos, papel, mobiliário) despesas com pessoal administrativo, suporte técnico, professores), despesas com viagens aos pólos, confecção de materiais especiais, assinaturas, material bibliográfico e documental) – enfim, toda a programação orçamentária;
- c) Estrutura da Coordenação do curso de graduação (na sede): 01 coordenador da graduação; 01 Coordenador de disciplinas; 01 coordenador de Tutoria; 02 secretárias; 01 técnico de suporte.

- d) Seleção de pessoal técnico e administração – confecção e realização de edital para seleção pública de tutores presenciais das disciplinas para acompanhamento na coordenação do curso e para os pólos.

7.2 Regulamentação da PROGRAD/CEAD da UNIRIO

A UNIRIO já conta com estrutura e regulamentação para os cursos de ensino à distância, ao cargo da CEAD – Centro de Educação à Distância, abrigado na PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação. Seguindo suas normas, temos que:

- a) Os professores tutores têm de possuir titulação mínima de graduação;
- b) Oferta mínima de vagas para 04 pólos totalizando 200 alunos;
- c) Os professores das disciplinas serão indicados pela Escola do Curso;
- d) Não é permitido o início de qualquer semestre letivo do curso a distância sem os conteúdos de todas as disciplinas se encontrarem finalizados antecipadamente;
- e) A alocação de horas para a Coordenação do Curso é de 20 horas semanais, em função das escalas e plantões para atendimento dos alunos à distância, no local de funcionamento da coordenação definido no projeto político pedagógico;
- f) As atribuições e responsabilidades do coordenador constarão em documento regulamentar da PROGRAD/Centro de Educação a Distância (CEAD) da Universidade;
- g) O curso a distância tem de ser devidamente registrado pelo Coordenador do Curso junto ao Sistema da UNIRIO (CPD) onde constarão o número do curso, o código de inscrição do curso para: o lançamento do pessoal que compõe a equipe e os dados dos alunos;
- h) O regulamento da Câmara Técnica de EAD será publicado no próximo Boletim da UNIRIO para conhecimento geral;
- i) Para efeitos normativos e legais do Coordenador do Curso junto às instâncias competentes é necessária a sua nomeação por meio de Portaria;
- j) O coordenador do curso a distância receberá uma bolsa mensal, já estabelecida.

7.3 Processo de Produção de Conteúdos

- a) Os professores produtores de conteúdos têm de ser do quadro efetivo do curso e professores das disciplinas;
- b) Os Coordenadores das disciplinas têm de ser quadro efetivo do curso;
- c) Os professores das disciplinas que produzirão os conteúdos serão capacitados pelo CEDERJ em período e local previamente definidos;

- d) O professor produtor de conteúdos só pode produzir para uma disciplina a cada semestre;
- e) O professor produtor de conteúdos receberá uma bolsa no valor de R\$1.200,00 (hum mil e duzentos reais) mensalmente;

7.4 Processo de Implantação

O Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na modalidade a distância começará a ser implantado no 2º. Semestre de 2010 e terá seu início no 1º. Semestre de 2011, sob a Coordenação da Prof^a. Ms Ludmila dos Santos Guimarães, conforme Portaria da Magnífica Reitora.

8 INFRA-ESTRUTURA

A UNIRIO organiza-se em Departamentos reunidos em Unidades de Ensino de cinco centros: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH), Centro de Letras e Artes (CLA), Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET) E Centro de Ciências Jurídicas e Políticas. O Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro tem tradição e experiência comprovada na formação de alunos de Graduação nos cursos de Bacharelado das Escolas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Educação e História.

O Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO, além da infra-estrutura da Escola de Biblioteconomia, conta também com a infra-estrutura existente no Centro de Ciências Humanas e Sociais como segue.

❖ Coordenação de Ensino à Distância (**CEAD**).

Em sintonia com o crescimento da EAD no país, a UNIRIO, desde os anos 90, vem desenvolvendo a metodologia de educação a distância. A CEAD - Coordenação de Ensino a Distância - passou por um efetivo processo de institucionalização na gestão 2004-2008, principalmente com a passagem organizacional e de suas instalações físicas do Centro de Ciências Humanas e Sociais para a Reitoria.

A UNIRIO com a CEAD, passa a ser uma comunidade acadêmica de aprendizagem aberta com o compromisso de promover o diálogo de saberes e a discussão argumentada em torno da formação profissional de nível superior numa perspectiva autônoma, crítica, reflexiva,

criativa e que está direcionada para a produção e difusão de conhecimentos compreendidos como prática social.

Os recursos pedagógicos ali utilizados permitem aos alunos o contato com as novas tecnologias de ensino; a CEAD iniciou a implantação de um projeto editorial, publicando um periódico virtual.

❖ Laboratório de Biblioteconomia (**LABBIB**)

O Laboratório visa atender todos os professores e alunos do curso de graduação em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia, nas atividades de ensino, pesquisa e graduação.

No ensino, a partir do elenco de disciplinas que integram o currículo pleno que, direta ou indiretamente, se valem dos recursos e instrumentos de informação, bem como de suas novas tecnologias, vale ressaltar aqui que a preocupação não se baseia na informática, mas sim na tecnologia de informação que, a bem da verdade, contribui para o desenvolvimento da forma do profissional bibliotecário. Aqui se faz referência não só àquelas disciplinas que trabalham a organização, tratamento, recuperação e disseminação da informação, em nível teórico, teórico-prático e prático, bem como o planejamento, organização e administração de unidades, sistemas e serviços de informação, mas também àquelas disciplinas de fundamentação geral e instrumentação.

Na pesquisa, estas áreas também serão beneficiadas, pois os problemas oriundos das atividades desenvolvidas durante o ministério das disciplinas do curso de graduação em Biblioteconomia da UNIRIO, serão analisados e se constituirão em objetos de estudo para busca de soluções visando a melhoria da qualidade destas atividades.

A extensão também será contemplada considerando a absorção de problemas advindos da sociedade (em caráter público ou privado) através da atuação da UNIRIO na Região Metropolitana do Rio de Janeiro ou através do serviço *disque-biblio* a ser implantado com o objetivo de se captar e buscar soluções para tais problemas, integrando, assim, o ensino, a pesquisa e a extensão.

❖ Laboratório de Tecnologias Intelectuais (**LTI**)

Projeto em parceria dos Grupos de Pesquisa *Informação e inclusão social* (IBICT) e *Organização do conhecimento para recuperação da informação* (UNIRIO), com vistas ao desenvolvimento de metodologias que facilitem o acesso livre à informação e promovam competências em tecnologias para produção e uso da informação em alunos da Escola de

Biblioteconomia da UNIRIO visando **desenvolver** ações com vistas a promover o acesso à Internet e a formação de competências em informação para alunos do curso de Biblioteconomia da UNIRIO; **propiciar** a troca produtiva de conhecimentos e experiências entre consultores, instrutores e usuários do LTI e **contribuir** para o desenvolvimento de modelo de *ação de informação* para acesso à internet e competências em informação.

Em seu quadro referencial teórico, utiliza uma *rede conceitual* (Wersig, 1993; Freire, 2001) tecida a partir da *responsabilidade social* da Ciência da Informação (Wersig e Neveling, 1975; Freire, 2001), considerando os conceitos de *regime de informação* (González de Gómez, 1999) e *competências em informação* (Hattschbach, 2002).

Seguindo o modelo de Pierre Lèvy, consideramos tecnologias intelectuais “tanto as formas de expressão simbólica (que, p.ex., evoluíram das narrativas míticas às equações quânticas) quanto às tecnologias de informação em si mesmas (p.ex., a escrita em tabletes de argila, as iluminuras medievais, a imprensa e os computadores). Podemos chamá-las, também, de ‘tecnologias soft’ em contraponto às tecnologias de produção material (que evoluíram, p.ex., desde o machado de pedra até os satélites de comunicação)” (Lévy, 1993, p.42). Ainda de acordo com Lévy, essas tecnologias intelectuais “situam-se **fora** dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este [texto] em suas mãos. Mas elas também estão **entre** os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. (...) As tecnologias intelectuais estão ainda **nos** sujeitos, através da imaginação e da aprendizagem”(Lévy, idem. Negrito nosso).

O LTI apresenta como **categorias operacionais as Tecnologias intelectuais**: conhecimentos e equipamentos dos grupos e parceiros (IBICT e UNIRIO); **Infra-estrutura**: espaço físico com computadores em rede e on line, mobiliário, serviços gerais; a **Organização do Conhecimento**: produção e comunicação científica do projeto (sítio virtual com lista de discussão, repositórios com textos dos pesquisadores e outros considerados relevantes e oficinas de informação e uma **Coordenação**: gerenciamento do projeto (definição e acompanhamento das ações em nível de ensino, pesquisa e extensão, local e virtualmente).

O LTI atua na PESQUISA [Desenvolvimento] restrita à equipe de desenvolvimento do projeto [os professores-pesquisadores, pesquisadores convidados e bolsistas] para proposição de modelo de *ação de informação*, implementação de projeto-piloto [teste do modelo] e comunicação científica [oficinas, seminários, comunicações, artigos]; no **ENSINO** [Apoio] – restrita aos alunos da Escola de Biblioteconomia [todo o universo ou uma amostra do universo], Oficinas de tecnologias intelectuais [metodologia da pesquisa científica,

competências em linguagens documentárias] e Oficinas de tecnologias digitais [introdução à informática, sistemas de processamento e recuperação da informação, softwares livres] e na **EXTENSÃO** [Serviços] – abertas aos alunos do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO [a definir] e Oficinas de acesso a fontes acadêmicas de informação na Internet [portal de periódicos científicos, portais de informação científica, tecnológica e inovação]

❖ **Laboratório de Idiomas (LI)**

O Laboratório de Idiomas do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO oferece cursos para a comunidade com o objetivo de propiciar o aprendizado de línguas estrangeiras aos nossos alunos e funcionários, bem como abrir a Universidade para a comunidade em geral e desenvolver competências lingüísticas em alunos da UNIRIO e estrangeiros.

❖ **Coordenação de Estágio em Biblioteconomia (CE/BIB)**

A Coordenação de Estágio da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO tem cumprido as funções de Coordenação, Orientação e Supervisão dos estagiários e monitores sob sua responsabilidade. Sua preocupação é com o aprimoramento e renovação do planejamento, da prática e/ou treinamento profissionalizante e da co-responsabilidade na formação profissional do cidadão que irá atuar na sociedade.

A CE/BIB tem como objetivo proporcionar ao estudante situações de aprendizagem de vida e trabalho de seu meio desempenhando atividades profissionais e socioculturais.

As atividades de estágio são planejadas, executadas, acompanhadas, controladas e avaliadas pela Coordenação de Estágio / BIB através de disciplinas optativas e obrigatórias oferecidas ao longo do curso. Caracterizando assim a responsabilidade da instituição de ensino.

❖ **Programa de Educação Tutorial em Biblioteconomia (PET/Biblioteconomia)**

Criado em 1979 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES com o nome de Programa Especial de Treinamento – PET, este programa foi transferido para a Secretaria de Educação Superior – SESu do Ministério da Educação – MEC, ficando a sua gestão sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas de Educação Superior – DEPEM. Em 2004 o PET passou a ser identificado como Programa de Educação Tutorial.

O Programa é composto por grupos tutoriais de aprendizagem e busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extra-curriculares, que complementem a sua formação acadêmica, procurando atender mais

plenamente as necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e conteúdos programáticos que integram sua matriz curricular, melhorando a qualidade acadêmica dos cursos apoiados pelo PET.

O PET objetiva proporcionar uma formação ampla e de qualidade acadêmica aos alunos de graduação, envolvidos com o programa, estimulando à fixação de valores que reforcem a cidadania, a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação.

O PET é um programa institucionalmente vinculado a Pró-Reitoria de Graduação, que pretende atuar sobre a graduação desenvolvendo ações coletivas, de caráter interdisciplinar, realizando atividades que envolvem ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de formar o cidadão com ampla visão de mundo e com responsabilidade social.

O PET/Biblioteconomia da UNIRIO é formado por um grupo de quinze alunos do curso de bacharelado em Biblioteconomia - quatro bolsistas PET, quatro bolsistas permanência, quatro bolsistas de extensão (UNIRIO), três de iniciação científica (2 UNIRIO e 1 FAPERJ), concursados e devidamente selecionados, tendo como objetivo aplicar os conhecimentos teórico-metodológicos, já adquiridos, adequando a prática à teoria e vice-versa.

A função do PET/Biblioteconomia é estimular, orientar e acompanhar os alunos na busca de soluções para problemáticas existentes em espaços informacionais. O seu objetivo é otimizar a aprendizagem mediante a modificação de práticas pedagógicas e a introdução de novas metodologias de ensino, iniciando os alunos nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

❖ Núcleo de Estudos – Escola Pública de Horário Integral (NEEPHI)

O NEEPHI / UNIRIO - Núcleo de Estudos – Escola Pública de Horário Integral – surgiu em 1995, quando foi apresentado o projeto de sua criação aos Colegiados do Departamento de Didática; da Escola de Educação e do CCH da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). Já naquela época, o Núcleo objetivava trabalhar com atividades de ensino, pesquisa e extensão e, para tal, elaborou uma série de metas relacionadas a essas três funções da universidade. Nesse mesmo ano, iniciaram-se as atividades de extensão no município de Vassouras – RJ, mais precisamente no CIEP Pe. Salésio Smidt, com o Curso de Extensão Escola Pública de Horário Integral: aspectos teórico-metodológicos, oferecido a seus corpos docente e gestor. Este Curso voltou a ser oferecido em 1996, desta vez aos CAICs dos municípios de Castro, Telêmaco Borba e Ponta Grossa, no estado do Paraná, a partir de convite da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Nos primeiros anos de atividade, a pesquisa resumiu-se a leitura e organização de dados bibliográficos acerca do objeto de estudo do Núcleo – Educação integral e Tempo integral. No ano 2000, iniciamos as pesquisas Análise situacional das escolas públicas de horário integral do estado do Rio de Janeiro, concluída em 2005, e Escolas Públicas de Tempo Integral: análise de uma experiência escolar, financiada pela FAPERJ.

Quanto às atividades de ensino, a reformulação curricular do Curso de Pedagogia da UNIRIO oportunizou a criação de uma disciplina optativa, denominada Educação fundamental em tempo integral, oferecida durante um semestre letivo a cada ano. No segundo semestre de 2009, está oferecendo esta disciplina pela décima vez, sendo inclusive trabalhada por mestrandos de nosso Programa de Pós-Graduação. O número de alunos vem aumentando a cada ano, e os debates ocorridos em sala de aula têm sido bastante proveitosos, a partir do momento em que a turma vai a campo, observar escolas públicas e/ou particulares que funcionam em tempo integral, ou que foram criadas com esse objetivo.

Em 2001, a partir de convênio firmado com a SEE – Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – realizamos o Curso de Extensão Gestão participativa e(m) tempo integral, aberto a diretores de CIEPs e escolas estaduais que funcionam em tempo integral. Este Curso certificou, até julho de 2002, 39 diretores.

De 1998 a 2003, foram realizados os Fóruns Permanentes de Debates – Educação Integral, Tempo Integral. Estes eventos caracterizaram-se por serem quadrimestrais e aglutinarem professores, diretores e interessados no aprofundamento ou ampliação do debate sobre educação integral e tempo integral. As temáticas discutidas eram definidas pelo grupo presente, de um Fórum para o outro.

Desde agosto de 2004, após a aprovação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO, o **NEEPHI** desenvolve a temática Concepções e práticas de educação integral em tempo integral no Curso de Mestrado. Atualmente, conta com alguns mestrandos trabalhando com questões atinentes a essa temática.

De 2003 a 2007, o Núcleo procurou trabalhar mais virtualmente, modificando sua página, visando agilidade nos acessos e criou um grupo de discussão, que funcionou regularmente. Também continuou com as atividades de ensino e de pesquisa, tanto no âmbito da UNIRIO quanto em outras instituições.

Em 2007, realizou o I Seminário Nacional – Educação e(m) Tempo Integral, que contou com a participação de professores e pesquisadores do tema em duas mesas redondas e, ainda, com uma sessão de apresentação de pôsteres. Nesse mesmo ano iniciou, a convite da SECAD/MEC, a pesquisa nacional denominada Educação integral/educação integrada

e(m) tempo integral: Concepções e práticas na educação brasileira, que vem sendo desenvolvida juntamente com as Universidades Federal do Paraná (UFPR); Federal de Minas Gerais (UFMG) e de Brasília (UnB).

Em 2009, após elaboração interinstitucional do relatório final dessa pesquisa, iniciou seu percurso qualitativo, por meio de estudos de caso significativos apontados pela primeira investigação. Também está finalizando pesquisa financiada pelo Observatório da Educação – convênio CAPES/INEP – e pretende realizar, ao final do ano, o II Seminário Nacional – Educação integral em Tempo integral

❖ Laboratório de Documentação Informatizada (**LADOC**).

O LADOC vincula-se ao CCH/UNIRIO, como órgão de apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão das escolas do referido Centro, tendo como principal objetivo dar oportunidade aos alunos das escolas do CCH, através das disciplinas oferecidas, a capacidade de conhecer, avaliar, planejar, adquirir e administrar tecnologias de informação que possam ser utilizadas nas suas atividades como profissionais.

As atividades do LADOC são as pesquisas no campo da automação de sistemas de informação para arquivos, bibliotecas e museus, o desenvolvimento de software aplicativos relacionados as áreas da ciência da informação: representação do conhecimento e recuperação da informação e utilização e disponibilização de novas tecnologias: redes, internet, documentos digitais, banco de dados e formatos de intercâmbio.

O LADOC dispõe de equipamentos de informática em rede para o estudo, a pesquisa e o desenvolvimento de programas e aplicativos necessários à representação da informação. Abriga pesquisas e práticas de ensino voltadas para a discussão sobre a organização e a disseminação do conhecimento na rede mundial de computadores, com ênfase na produção, análise e crítica de redes conceituais de domínios do conhecimento, e relaciona as reflexões teóricas sobre ontologias, tesouros e teorias da classificação, bem como a descrição documental de registros do conhecimento como inscrições-memória em ambiente virtual. A infraestrutura do LADOC é representada por 25 computadores para uso de alunos, aparelho de data show, todos conectados à intranet UNIRIO. Além de permitir o acesso à informação disponível na Internet, complementando a tarefa da Biblioteca, o LADOC dá suporte tecnológico aos grupos de pesquisa que vêm estudando a digitalização como fenômeno de preservação da memória social.

❖ Núcleo de Preservação e Conservação (**NUPRECOM**).

Oferece atividades práticas de conservação e restauração de materiais, sendo de grande utilidade ao pesquisador que lida diretamente com acervos de memória, ou precisa emitir pareceres técnicos sobre coleções de objetos, livros, documentos antigos e arquivos.

❖ Núcleo de Documentação, Memória e História (**NUMEM**)

O **NUMEM** disponibiliza para a comunidade acadêmica da UNIRIO, e para o uso da comunidade em geral, acervos, obras de referência, bancos de imagens, bases de dados e levantamentos documentais gerados em função de pesquisas levadas a efeito por docentes e discentes do CCH.

❖ Laboratório de Memória e Imagem (**LMI**).

Visa atender a crescente demanda de diferentes projetos de pesquisa que tematizam a relação memória e visualidade, promovendo o registro audiovisual de atividades de pesquisa e de extensão; práticas de preservação da memória acadêmica; registro e atualização das mídias de bancos de imagens (patrimônio material e imaterial) e de textos e transcrições (história oral).

❖ Laboratório de Documentação em Memória Social (**LADOME**).

Abriga a memória da produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) e contempla as seguintes atividades: Banco de dissertações e teses, com articulação à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – Biblioteca Pública da UNIRIO/MCT-IBICT; Organização e alimentação do cadastro discente da CAPES; coleta, organização e preenchimento do Relatório CAPES para avaliação da pós-graduação – COLETACAPES; Administração do website do PPGMS; e Alimentação do Sistema de Informação de Ensino – SIE. Ocupa uma área de 30m², e contém três estações de trabalho ligadas à intranet da Universidade.

❖ Laboratório de Linguagem e Mídia (**LLM**).

Desenvolve pesquisas associadas a dois Programas de Pós-Graduação do Centro de Ciências Humanas e Sociais: Memória Social e Educação. Essa dupla vinculação ocorre em virtude da proximidade entre algumas pesquisas vinculadas ao LLM. Os projetos que notadamente estabelecem a interface no PPGMS são: Representações no discurso midiático; Memória, discurso informacional e ciência: a divulgação científica em foco; coleções, imagens e narrativas. Conta com um acervo constituído de material impresso e fitas de vídeo utilizadas como material didático e de fonte de pesquisa.

❖ Laboratório de Informática:

Este Laboratório foi resultado de um acordo entre os programas de Pós-Graduação em Educação, Museologia, História e Memória Social e os recursos são oriundos de Editais Faperj e Finep recebidos pelos programas de História e Museologia respectivamente. O Laboratório conta com 15 estações de trabalho.

❖ Núcleo de Pesquisa sobre o Ensino da Biblioteconomia - **NUPEB**

O NUPEB tem origem na linha de pesquisa Formação Profissional e Mercado de Trabalho, do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos, criada em 2001, com o objetivo de reunir a produção do conhecimento no campo do ensino da Biblioteconomia

❖ Núcleo de Estudos em Educação Brasileira - **NEB**

Partindo do pressuposto de que a educação é uma prática social que se transforma ao longo da história, o grupo NEB se constituiu para possibilitar o debate e a investigação da educação brasileira, segundo as perspectivas histórica, filosófica e sociológica, buscando compreender a complexidade das práticas pedagógicas, instituições escolares e idéias educacionais produzidas no Brasil. Buscamos participar de um projeto que reconstrua histórica, filosófica e socialmente a trajetória das instituições e práticas pedagógicas, principalmente públicas, não se esquecendo das idéias educacionais que fundamentaram a educação brasileira.

O NEB tem como objetivos refletir sobre a educação brasileira, através das abordagens histórica, filosófica e social; propor pesquisas interdepartamentais e interinstitucionais, onde os objetos de estudo e as diversas correntes teórico-metodológicas possam constituir um avanço na área e constituir um Núcleo de Estudos capaz de alavancar linhas de pesquisa que fortaleçam a consolidação da investigação na área da Educação, na UNIRIO, bem como efetivem atividades de ensino em geral, e extensão.

❖ Grupo de Pesquisa em Organização do Conhecimento para Recuperação da Informação.

Considerando o crescimento teórico e aplicado que a Organização do Conhecimento tem vivenciado em nível internacional, notadamente no âmbito da ISKO (International Society for Knowledge Organization), busca-se investigar os problemas inerentes à Organização do Conhecimento para fins de Recuperação da Informação, com especial destaque para as dimensões teórica e aplicada, de modo a que os aspectos filosóficos e éticos, tecnológicos, e

educacionais e científicos, possam ser melhor compreendidos em ambientes tradicionais e virtuais, de maneira especial a partir da realidade brasileira. Para tanto, as ações basilares da linha, centrar-se-ão nas seguintes frentes de investigação: a) aspectos epistemológicos da Organização do Conhecimento e suas implicações no ensino e na pesquisa na área; b) impactos sociais e éticos das tecnologias da informação na Organização do Conhecimento para fins de Recuperação da Informação. Desse modo, a agenda de pesquisa do grupo constrói-se, por um lado, a partir de uma articulação mais explícita com a ISKO Internacional e seus capítulos nacionais e, por outro lado, a partir da busca pela divulgação científica dos resultados de suas investigações em eventos especializados e publicações de impacto. Destaca-se, por fim, que o presente grupo de pesquisa se articula e contribui diretamente para a Linha de Pesquisa Organização e Representação do Conhecimento do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e para a Linha de Pesquisa Organização da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista/Marília-SP (UNESP/Campus Marília).

❖ Grupo de Pesquisa em Práticas Biblioteconômicas.

O grupo surgiu da necessidade de articulação dos novos projetos que vem sendo desenvolvidos no Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Esses projetos são resultados de estudos biblioteconômicos que o DEPB vem realizando sobre bibliotecas, espaços e práticas de registro do conhecimento, de leitura e memória documentária sob o enfoque sociocultural. O Grupo tem buscado também o fortalecimento das pesquisas voltadas para a gênese da Ciência da Biblioteconomia no Brasil, tendo em vista a importância histórica da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO no contexto nacional.

❖ Sala para a coordenação do curso e sua administração (secretaria, atendimento/recepção, arquivos).

❖ 9 Salas de aula (para 50 alunos), de acordo com o horário curso (Manhã ou Noite).

❖ Três funcionários técnico-administrativos para atuando junto à coordenação do Curso, secretariando as atividades acadêmico-administrativas do Curso.

Biblioteca

O Sistema de Biblioteca da UNIRIO, criado em 1986, compõe-se de uma Biblioteca Central, Bibliotecas Setoriais e um Conselho Biblioteconômico. Elas atuam como suporte informacional de incentivo ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária, integrando-se à estrutura acadêmica e aos sistemas de informação cultural, tecnológica e científica em âmbito nacional e internacional.

A Biblioteca Central da UNIRIO é o órgão que administra o Sistema de Bibliotecas; seu prédio abriga e integra as Bibliotecas Setoriais do Centro de Ciências Humanas e Sociais, do Centro de Letras e Artes, do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia e do curso de Biologia. Portanto, a BC fornece suporte multidisciplinar para as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UNIRIO. Nas três Áreas do Conhecimento (CNPq) de interesse direto para o público usuário da BSCCH (Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Lingüística, Letras e Artes), a BC oferece 62.341 títulos e 97.465 volumes de livros, além de 1.010 títulos de periódicos nacionais e 244 estrangeiros. Outros acervos incluem 9.859 itens impressos e multimídia, como teses e dissertações, discos, VHS e DVDs, partituras e peças de teatro, além de 1.608 itens digitais, como teses e dissertações e peças de teatro.

Na área de produtos e serviços, o complexo BC computou 13.000 empréstimos, 32.531 consultas e frequência de 32.435 usuários, sendo 1.210 os usuários inscritos. A Sala Multimídia abriga atividades diversas, como palestras, capacitação em pesquisa (dada pela Biblioteca a usuários da UNIRIO), seminários internos, exibição de filmes e defesa de trabalhos de conclusão de curso. A BC oferece ainda catálogo local (impresso) e online, folder explicativo, orientação e capacitação de usuários, livre acesso ao acervo, site, serviço de alerta, empréstimo domiciliar. O horário de atendimento da BC é diário e ininterrupto, de 2ª. a 6ª. feira, entre 9 e 21h.

Quanto ao desenvolvimento da infra-estrutura de pesquisa, concluiu-se a implantação da Sala Universia, em convênio da UNIRIO com o Banco Santander para ações de inclusão digital. A Sala conta com 15 terminais de acesso público à internet, ampliando consideravelmente as possibilidades de pesquisa e acesso à informação pelos usuários da Biblioteca. De sua inauguração no início de novembro até dezembro de 2009, a Sala teve 218 usuários. Encontra-se em fase final a implantação de sala similar, em convênio com o CIC/PRODERJ, que oferecerá 12 terminais de acesso público à internet e possibilitará a construção de um Repositório Institucional.

O Sistema de Biblioteca mantém intercâmbio e conexões com outras entidades, que contribuem para a ampliação e o aprimoramento da informação. Entre essas entidades estão: Rede Bibliodata, que facilita não só a participação no processo de catalogação cooperativa, como também a localização de publicações em cerca de 70 instituições a ela filiadas; Catálogo Coletivo Nacional de Publicações (CCN), que permite a localização dos periódicos existentes em bibliotecas nacionais; Comutação Bibliográfica (COMUT), que viabiliza a solicitação de cópias de publicações constantes de acervos de outras instituições; Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Artes (REDARTE), que faculta a localização e o empréstimo de obras na área de artes, e a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), que desempenha papel de inestimável importância na política de desenvolvimento das bibliotecas universitárias em todo o país. Ademais, o sistema da Biblioteca da UNIRIO (UNIBIBLI) permite, graças ao software CARIBE, pesquisar o catálogo on-line em terminais da rede local – através de micro-computadores destinados aos usuários – e pela internet, possibilitando a localização dos documentos disponíveis no acervo da UNIRIO. É crescente a utilização do Portal de Periódicos da CAPES, que pode ser acessado nos campi da UNIRIO ou fora deles (através do serviço de acesso remoto ao Portal para alunos da graduação, pós-graduação, professores e técnicos da Universidade).

REFERÊNCIAS

- ABECIN. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Avaliação da Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação:** bases conceituais, metodológicas e princípios do processo avaliativo. Vitória: ABECIN - Oficina Regional de Trabalho Sudeste/Centro-Oeste, 2002.
- AMARANTE, Nylma Thereza de Salles Velloso. Biblioteconomistas e documentalistas; análise profissiográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., Belém, 1973. **Anais** [...] Belém, 173. mimeo.

ANDREETA, João Pedro; ANDREETA, Maria de Lourdes. **Além da ciência: a filosofia**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/CapeCanaveral/Lab/5328/filosofia.html>>. Acesso em 20 fev. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM BIBLIOTECONOMIA. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO. **Moderno profissional da informação**: o perfil almejado pelos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Porto Alegre: ABEED, 1998. (Documentos ABEED, 13).

AVILA, Carlos Alberto, 2008. Estudo de usuários; pluralidade teórica, diversidade de objetos. In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: USP, 2008. 1 CD-ROM

BARATIN, Mark. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 227 – 232.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BLAIR, Ann. Bibliotecas portáteis: as coletâneas de lugares comuns na Renascença tardia. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 74 - 93.

BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogos Online. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Disponível em: <http://catalogos.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=sntp_pr&db=sntp&use=pb&disp=list&ss=NEW&arg=rj>. Acesso em: 27 de agosto de 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, 1997.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (Metas)**: proposta do Executivo ao Congresso Nacional. Brasília: MEC/INEP, 1998. 29f.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**: subsídios para elaboração dos planos estaduais e municipais. Brasília: MEC/INEP, 2001.

BUDD, John M. Phenomenology and information studies. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 1, p. 44-59, 2005.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971. 86 p.

CÂMARA, J. da S. Bases fundamentais para elaboração do currículo. **R. Bibliotecon. Brasília**, Brasília, DF, v.9, n.1, jan./jun. 1981.

CAPES. Cursos e programas de pós-graduação. **Mestrados/doutorados reconhecidos**. Disponível em:

<<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarRegiao>>. Acesso em 20 de agosto de 2009.

CARVALHO, Katia de. Comunicação impressa, biblioteca, contexto social. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 41-44, jan./jun. 1987.

CASSANO, Maria da Graça. **O papel da biblioteca pública** na produção dos sentidos de língua, leitura e nação no Brasil do século XIX. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2006.

CASTRO, Cláudio de Moura. **O frágil império da Ciência**. Disponível em: <<http://www.nitnet.com.br/~kruse/art/fragil.htm>>. Acesso em 20 fev. 2002.

CAVALLO, Guglielmo. Entre *volumen* e *codex*: a leitura no mundo romano. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998, p. 71-102.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998, p. 5-40.

CHAGAS, Francisco das. **O ensino de biblioteconomia no contexto brasileiro - século XX**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2009. v. 1. 189 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UnB, 1999.

CONSELHO Regional de Biblioteconomia – 12^a. Região – Espírito Santo. **A profissão do bibliotecário no século XXI**. Vitória: Conselho Regional de Biblioteconomia, [2006?]. Disponível em: <<http://www.crb12.org/bibliotecario/o-bibliotecario-do-seculo-21>>. Acesso em 22 de julho de 2009.

COTTON DES HOUSSAYES, J. B. Dos deveres e das qualidades do bibliotecário; discurso pronunciado na Assembléia Geral da Sorbonne, a 23 de dezembro de 1780. Trad. do francês por Marília Cintra Macedo Barroso. In: UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. Centro de Ciências Humanas. Escola de Biblioteconomia. **Os 80 anos da primeira Escola de Biblioteconomia do Brasil**. Ed. comemorativa. Rio de Janeiro, 1991. 48 p. p. 41-48.

CRANDALL, Mary Imogen. Duties of a librarian to its staff. **Library Journal**, New York, v. 16, n. 4, p. 105, Apr. 1891.

DAY, Ronald E. **The modern invention of information: discourse, history, and power**. Illinois: South Illinois Univ. Press, 2001a.

DAY, Ronald E. Totality and representation: a history of knowledge management through European documentation, critical modernity, and post-fordism. **JASIS**, v. 52, n. 9, p. 724-735, 2001b. Disponível em: <<http://www.lisp.wayne.edu/~ai2398/kmasis.htm>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2003.

DERVIN, Brenda. Human studies and user studies: a call for methodological inter-disciplinarity. **Information Research**, v.9, n.1, Oct. 2003

DERVIN, Brenda. **Sense-making methodology site**. Disponível em: <<http://communication.sbs.ohio-state.edu/sense-making>>. Acesso em: 23 de julho de 2009.

DEWEY, Melvil. The profession. **Library Journal**, New York, v. 1, n.1, p. 5-6, Sept. 1876.

DIAS, Antonio Caetano. **O ensino de Biblioteconomia no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: IPASE, 1955. (Coleção IPASE, 2).

DIAS, Antônio Caetano. Na biblioteca nacional. In: PINHEIRO, Ana Virgínia; TEIXEIRA, Loida Vaz, MOREIRA, Maria José (Org.). **Os 80 anos da primeira escola de biblioteconomia do Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas. Escola da Biblioteconomia, 1991, p. 5-20. (Edição comemorativa)

ENCONTRO DE DIRIGENTES DOS CURSOS SUPERIORES EM BIBLIOTECONOMIA DOS PAÍSES DO MERCOSUL. **A formação profissional em Biblioteconomia no MERCOSUL**. Porto Alegre: ABEED, 1996. 3v.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. **Hoistoire de la normalization autour du livre et du document: l' exemple de la notive bibliographique et catalographique** .

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Aspectos especiais de estudos de usuários. **Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 43-57, jul./dez. 1983.

FIRJAN. Diretoria de Desenvolvimento Econômico. Gerência de Estudos e Pesquisas. Evolução das maiores empresas do Estado do Rio de Janeiro. **Nota Técnica**, n. 4, 30/01/2008. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br>>. Acesso em: 26 de agosto de 2009.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1995.

FROHMANN, Berd. Discourse analysis as a research method. **Library and information Science Research**, v. 19, n.2, p. 1-22, 1994. Disponível em: <<http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/pomo.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2006.

GOODSELL, Charles T. O contato com o público no Terceiro Mundo. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 48-65, jul./set. 1984.

GRAESEL, Arnim. **Manuel de Bibliothéonomie**. Trad. de Jules Laude. Paris: H. Welter, 1897. xviii, 628 p. p. 144-170, 438-443.

GRANGER, Gilles-Gaston. Introdução. In: DESCARTES, René. **Discurso do método. Meditações. Objeções e respostas. As paixões da alma. Cartas**. Tradução de J. Ginsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural/Victor Civita, 1973. (Os Pensadores, XV).

GREEN, Samuel Swett. Personal relations between librarians and readers. **Library Journal**, New York, v. 1, n. 2-3, p. 74-81, Nov. 1876.

GALLARDO, José Adolfo Rodríguez. **Formação humanística del bibliotecnólogo: hacia su recuperación**. México: UNAM, 2001.

GARCÍA MARCO, F. J. Bases epistemológicas del ejercicio profesional. In: VALENTIM, M. P.(Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004.

GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 1997.

GUIMARÃES, J.A.C. Ensino de Biblioteconomia no Brasil: um perspectiva histórica dos encontros nacionais promovidos pela ABEED. **Cadernos da F.F.C.**, Marília, v. 4, n. 1, p. 68-81, 1995.

GUIMARÃES, J.A.C.; BERTACHINI, M. de L.; VIDOTTI, S. A B. G. **Anteprojeto de reformulação curricular do curso de Biblioteconomia da UNESP**. Marília: UNESP, 1994.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Néida O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n .2, p. 7-31, 2000.

GRAFTON, Anthony. Como criar uma biblioteca humanista: o caso de Ferrara. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p.169-181.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo escolástico de leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998, p 123 – 146.

HANSSON, Joacim. Hermeneutics as a bridge between the moderna and the postmodern in library and information science. **Journal of Documentation**, v. 61, n.1, p. 102 -113, 2005.

HJORLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 442-462, 2002. Disponível em:

<http://www.emeraldinsight.com/Insight/ViewContentServlet?Filename=Published/EmeraldFullTextArticle/Articles/2780580404.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2008.

IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de Serviços e Comércio. **Pesquisa Anual de Serviços**. Rio de Janeiro, 2006

IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação da Indústria. **Pesquisa Anual de Empresas**. Rio de Janeiro, 2007.

INGWERSEN, Peter. The cognitive view and information. In:_____. **Information retrieval interaction**. London / Los Angeles: Taylor Graham Publishing, 1992. Chapter 2. Disponível em: <<http://www.db.dk/pi/iri>>. Acesso em: 8 de maio de 2004.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE SYSTEMS SCIENCE. **Ludwig von Bertalanffy (1901-1972)**. 200-? Disponível em: <<http://www.iss.org/lumLVB.htm>>. Acesso em: 25 de outubro de 2008.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 45-73.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Informação, informatividade e lingüística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. *DataGramaZero*, v. 9, n.6, dez. 2008. Disponível em: < http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_01.htm>. Acesso em: 12 de janeiro de 2009.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Uma experiência na interface lingüística documentária e terminologia. *DataGramaZero*, v. 8, n. 5, out. 2007. Disponível em: < www.datagramazero.org.br/out07/Art_01.htm>. Acesso em: 30 de novembro de 2008.

MAACK, Mary Niles. **The lady and the antelope**: Suzanne Briet's contribution to the French documentation movement. 2000-? Disponível em: <<http://www.gseis.ucla.edu/faculty/maack/BrietPrePress.htm>>. Acesso em 22 de julho de 2006.

MACHLUP, F; MANSFIELD, E. (Org.). **The study of information**: interdisciplinary messages. New York: John Wiley & Sons, 1983.

MARCIAS-CHAPULA, César A. O papel da infometria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n.2, 1998.

MARINHO, Raimunda Ramos. Biblioteconomia e legitimação científica: elementos para discussão. **Revista de Biblioteconomia do Maranhão**, São Luís, v. 1, p. 35-42, 1997.

MARTIN, L. A. User studies and library planning. **Library Trends**, v. 24, n. 3, p. 483-96, Jan. 1976.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª. ed. Tradução de Ronald Palito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTINS, Eduardo Vieira. O contexto político e o discurso da ciência da informação no Brasil: uma análise a partir do Ibict. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, p. 91-100, jan./abr. 2004

MASON, R. O What is an information professional? **Journal of Education Library and Information Science**, v.31, n.2, p.122-138, 1990.

MCKITTERICK, David. A biblioteca como interação: a leitura e a linguagem bibliográfica. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 94 – 107.

MENEZES, Janaína S.S.; WILKE, Valéria. A evolução do trabalho docente na UNIRIO: o esforço (re)velado. In: SEMINÁRIO REDESTRADO – NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, 7., 2008. Buenos Aires. **Anais ...** Buenos Aires, 2008. Disponível em:< [http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/trabajos/A%20EVOLU%C7%C3O%20DO%20TRABALHO%20DOCENTE%20NA%20UNIRIO%20O%20ESFOR%C7O%20\(R%20E\)VELADO.pdf](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/trabajos/A%20EVOLU%C7%C3O%20DO%20TRABALHO%20DOCENTE%20NA%20UNIRIO%20O%20ESFOR%C7O%20(R%20E)VELADO.pdf)>. Acesso em 22 de julho de 2009.

MERTON, Robert King. Estrutura burocrática e personalidade. CAMPOS, Edmundo (Org.). **Sociologia da Burocracia**. 4. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1978, . p. 107-124.

MIDWORTH, H. The duties of a librarian to the readers. **The Library**, v. 5, p. 130-135, 1893.

MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986. 261 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INEP. Pesquisas educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Censo Superior, 2007**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior>>. Acesso em 23 de agosto de 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INEP. **IDEB**. 2007. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/Site>>. Acesso em 22 de agosto de 2009.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. PORTAL FUST. **Bibliotecas**. Disponível em: <<http://portalfust.socinfo.org.br/radiografia.htm>>. Acesso em 26 de junho de 2004.

MIRANDA, M. L. C. de. A Biblioteconomia enquanto ciência: um estudo filosófico e epistemológico. ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 29. Salvador, BA, 2006. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: Livros Tecn. Cinetíficos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOREIRO GONZALEZ, J. A. **Conceptos introductorios al estudio de la información documental**. Salvador (BA): EDUFBA; Lima (Peru): Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

MOSTAFA, Solange Puntel; LIMA, Ademir Benedito Alves de; MURGUIA MARANON, Eduardo Ismael. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 216-222, set./dez. 1992.

MUELLER, S. P. M. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. **R. Bibliotecon. Brasília**, v. 12, n. 2, p. 157-165, jul./dez. 1984.

NAUDÉ, Gabriel. **Advis pour dresser une bibliothèque**. Disponível em: <http://fr.wikisource.org/wiki/Advis_pour_dresser_une_biblioth%C3%A8que>. Acesso em : 03 de agosto de 2009.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O Bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, 1983. 98 p.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgzero.org/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 11 de novembro de 2004.

PESSOA, Joaquim. **Ciência e lei natural**. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/ancora/2254/destaque/bjcaraca.htm>>. Acesso em 22 fev. 2002.

PERES, Fábio de Faria; MELO, Victor Andrade de. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Digital – Buenos Aires**, v. 10, n. 93, feb. 2006. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd93/rio.htm>. Acesso em 27 de agosto de 2009.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Em busca de um caminho interdisciplinar**: proposta de núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Rio de Janeiro: UNIRIO/CCH, 1995. 28f.

PINHEIRO, Lena Vânia; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 42 – 53, 1995.

PLACER, Xavier. **Como organizar uma pequena biblioteca**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1960, p. 11-12: O bibliotecário.

PLACER, Xavier; VILLAR, João Carlos Fernandes. Na fundação da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO). In: PINHEIRO, Ana Virgínia; TEIXEIRA, Loida Vaz, MOREIRA, Maria José (Org.). **Os 80 anos da primeira escola de biblioteconomia do Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas. Escola da Biblioteconomia, 1991. (Edição comemorativa).

POBLACION, Dinah de Aguiar, VERGUEIRO, Waldomiro O. S. O ensino de graduação em Biblioteconomia no estado de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14, Salvador, 1991. **Anais...** Salvador: APB-BA, 1991. p.1202-1204.

POOLE, R. B. The librarian and his constituents. **Libray Journal**, New York, v. 11, n. 8-9, p. 229-232, Aug./Sept. 1889.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Instituto Pereira Passos. **Armazém de dados**. 2008. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2009.

RANGANATHAN, S. Ramarita. **The five laws of Library Science**. Bombay : Asia Publ. House, 1967.

RAYWARD, W. Boyd. The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflections on biography. **Journal of Librarianship and Information Science**, n. 23, p. 135 – 145, Sep. 1991. Disponível em: <http://people.lis.uiuc.edu/~wrayward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM>. Acesso em: 22 de maio de 2007.

RAYWARD, W Boyd. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography / International Federation of Information and Documentation (FID). **JASIS**, v. 48, n. 4, p. 287 –300, April 1997. Disponível em : <<http://www.uiuc.edu/~wrayward/rayward.html>>. Acesso em: 22 dez. 2003.

RAYWARD, W. Boyd. Visions of Xanadu: Paul Otlet (1868-1944) and hipertext. **JASIS**, v. 45, n.4, p. 235-250, 1994. Disponível em: <<http://www.lis.uiuc.edu/~wrayward/rayward.html>>. Acesso em: 12 dez. 2003.

REUNIÓN Regional sobre Formación de Profesionales de la Información (Caracas, Venezuela: 1990). **Informe final**. Caracas: Unesco/PGI; IDEA, 1990. 39f.

REVEL, Jacques. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 217 – 224.

RICHÉ, Pierre. As bibliotecas e a formação da cultura medieval. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 246-256.

SEANGER, Paul. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998, p. 147 – 184.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SETTI, Salvatore. Warburg *continuatus*: descrição de uma biblioteca. In: BARATIN, Mark; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 108-154.

SHANNON, Claude. A mathematical theory of communication. **The Bell System Technical Journal**, v. 27, p. 379-423, July, 1948 e v. 27, p. 623-656, Oct. 1948. Disponível em: <<http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2008.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de A. A ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002, p. 9-23.

SMITH, Lloyd P. The qualifications of a librarian. **Library Journal**, New York, v. 1, n. 2-3, p. 69-74, Nov. 1876.

STEBBINS, Kathleen B. **Personal Administration in Libraries**. 2. ed. rev. and largely rewritten by Foster E. Mohrhardt. New York: Scarecrow, 1966. 373 p.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e o seu perfil face aos novos tempos. **Inf & Inf**, v. 1, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996

SOUZA, Francisco das Chagas. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: UFSC, 2009.

SOUZA, Sebastião de. Fundamentos filosóficos da Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 14, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986.

THEOPHRASTUS, Junior . Of librarians. **The Library**, v. 1, p. 24, 107, 1889.

TUDOR-SILOVIC, N. Inteligência como recurso social e empresarial. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.2, n.1, p.124-140, 1992.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). **Projeto Pedagógico de Ensino de Graduação**: uma proposta científica e participativa de planejamento. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO). Resolução Nº. 1940/98. Dispõe sobre a Política de Educação Especial. Rio de Janeiro: UNIRIO, de 14 de julho de 1998.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. Planejamento 1998-2002. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1998. [36 f.]

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA. **Diretrizes curriculares da Escola de Biblioteconomia**. Rio de Janeiro, 1998. 10f.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA. **Grade curricular**. Rio de Janeiro, 1997.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA /Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos. **Plano de Metas 1998-2000**. Rio de Janeiro, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Plano de desenvolvimento institucional – PDI**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.

WELLARD, J. M. **Book selection**; its principles and practice. London: Grafton, 1937.

WILSON, Tom. The role of the librarian in the 21st century. LIBRARY ASSOCIATION NORTHERN BRANCH CONFERENCE. 1995. Longhirst: **Proceedings ...** 1995. Disponível em: < <http://informationr.net/tdw/publ/papers/21stcent.html>>. Acesso em 15 de maio de 1997.

WINSOR, Justin. A word to starters of libraries. **Library Journal**, New York, v. 1, n. 1, p. 1-3, Sept. 1876.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectivas profissionais. **Encontros Bibli**, n. 9, p. 16-28, 2000.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da ciência da informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008

VITORINO, Elizete Vieira. Princípios epistemológicos à competência informacional do profissional da informação. In: CONGRESO ISKO-ESPANÑA, 9., 2009. Valencia: **Anais ...** Valencia: Editorial UPV, 2009, p. 48- 69.